

Antologia de Samuel Brito

Samuel Brito

Apresentado por

Meu Lado Poético 



resumo

Quando você passa

Sobre o nosso amor

Olhares

Me interessa

Se era agosto, não sei

A princesa e o Duende

Ilusão

Ontem

Meu coração vagueia

Tenho tempo

Eu sou só

Um simples ser

O poeta e a pupila

Rever

Inebriado por ti (feiticeira)

Tempo, o inclemente

A deusa sagrada da literatura

Ler um ato nobre - Uma singela declaração de gratidão

Floríferas no jardim

Pretencioso

Coração traquino

Resquícios de um amor e suas indeléveis sequelas

Pirilampos ou pisca-piscas.

Piso frio

Música

Para os colibris

Me esqueci na estação.

Um trem cargueiro

O poeta e a poesia - Relacionamento aberto.

Entre falésias, loucos de pedra e omega três.

Infância

Risos

Insana idade

Meu chinelo franciscano

Medo, medinho, medão.

Onde estás!

Antes de mais nada...Sou poeta.

Entre prosas e poesias, vaga um velho vate

Meu coração taciturno quer passear.

Na aridez, desamor

Sem cabeça

Desgaste

Sombrio prelúdio

Meu coração vira-lata

O Livro Vermelho de Capa Dura

Caudalosa

Amor de poeta - Trazidos pela poesia

Ausência 4.0

Em noites claras de Clarices raras

Irmão, irmã e prima

(A irmandade divinal)

Sob encantos

Desde sempre

Abraçadeiras

Até que...

Eu te amo

Inconstantes...

Senhoras das horas, dai-me a luz!

Para a bela que partiu para Além-mar.

Deslembrados desejos...

Poetas brilhantes

Picolé de arroz doce

Mulheres em flores

Minha bílis e eu

A bela em azul

Sentidos...

Sonhadora de longas madeixas

O Cavaleiro e a Donzela

Caridade

Amigo estou por aqui...

Escolhi um amor assim...

Uma colibri repleta da graça - Para NeivaDiceu em homenagem a seu aniversário

A Inspiração e o Verso - O monólogo da mãe

Cirinho, meu genitor

Um amor só meu

Um mosaico chamado saudades

Em uma bela manhã de domingo...me findo feliz!

Úmido

Filhos, um legado de amor.

FLORES E ERVAS DANINHAS NO JARDIM

Minha infância (Carlinhos, Nenê e Eu)

Mestres

ANSEIO

Disperso caminhar

Sobre a lua

Po-etarismo

Vivendo entre colibris

O dia da mula sem cabeça

Você...

Somos todos poesias

Visita surpresa....A Tristeza

Eu nunca disse, eu te amo.

Um poeta zombie

Ediel, a luz de Satierf (Fada poesia)

Cecília (s)

Luz dos olhos meus!

Talvez eu escreva um poema...

Todas as coisas que brilham

Natal

Pegasus apaixonado

Sem tésimo poema

Quando te encontrar!

Você amaria um homem que....

Rosa - A saga da guerreira!

Quintanilhas

Boa noite poesia!

Esbarra nos olhos teus, a luz dos olhos meus!

Ediel apaixonada - Vivendo entre suspiros e sonhos

EDIEL, FADA POESIA! PARTE II.

Rimas pobres e um final quase trágico.

Brasiliência

O desvelo em teu olhar

Mulheres, a Luz do mudo...eu te saúdo neste dia!

O bezerro e o tempo

Átimos atemporais

Oito anos e um século depois

Lobos dançantes

Estou te amando tanto...que já nem sei!

Um lugar chamado porvir

Dia do amor...

Sonhos adâmicos

O amor mora em Roma

Como bom equino que sou...sigo rindo!

Amar é quase um plágio

Bacantes parnasianas

A noiva

Dá-me esta rosa...

Pedra ressentida

Nesta parte da cidade

Saia dos meus sonhos

O Retorno da primavera

Pífios mestres

Anjos

Para sempre!

Vegetação nua em árido novembro.

Silêncio

ATÉ BREVE!

Total incompetência...

Chove lá fora ...

Um sorriso, um amigo, por hora, é só o que quero - dueto))

Eu sou assim!

O palhaço e a amante

Resenha sobre ingênuas paixões

O homem centenário

Um amor de Juliet

Reminiscências

JABAQUARA-TUCURUVI

Paz, pães e poesias

Palavras Morfo-Azul

DESMANTELAR O TEMPO

Viagem

Andando sobre paralelepípedos

Docemente cruel

Adeus Ediel...fada dengosa!

Todas as estações em mim

Poema na primeira pessoa

Parece poesia?

Compilado dos meus recentes poemas.

Tem um rato no meu poema

O salto da fera

Duas imagens

Caleidoscópio

(Como se fosse um sonho)

Tempo doido!

E se for mesmo amor?

Impensada poesia

Melancolia

Essa falta de você

Guarda essas palavras

Pássaro - Uva roxa

Tudo que couber em meus olhos

Libélulas.

(Essa coisa alada)

Quando você passa

Quando você passa,
Fico meio tímido
Voce nem nota e passa
Mas que culpa tem a rua
Se estou nela e voce passa
Com leveza e com graça
E sobre mim um trem inteiro passa,
Repassa, nem um olhar de dó,
Eu sigo só
Enquanto voce elegantemente passa
Não tens culpa meu amor!
Afinal, foi só um trenzinho
Você é tão indiferente
E eu tão sonhador
Nem moro nessa rua
Nem neste bairro
Só estava andando a toa
Ou vagando, sei lá!

Sobre o nosso amor

**Olha pra mim
Como se eu fosse, seu melhor exemplar
Um companheiro secular
Eu sei que pra você, eu nada sou
Não sou seu par
E se amor traisse nossas tentações
Sinalizando essas emoções
Deixemos o acaso agir
O improvável é o sensato agora
Vamos descansar, estamos exaustos e confusos
Nada pode dar certo, estamos tensos,
Então improvisamos um abrigo
Amanhã encontraremos um amigo em comum
Quem sabe ele nos de a direção
Precisamos de um norte
Precisamos de um bom mentor e
uma xícara de café, ou chá bem quentinha
Adiamos pra amanhã as decisões
Esta noite vamos esquecer esse contra-tempo
Jogar a toalha, dar um tempo e preparar uma sopa de legumes, forrar o estômago e
acalmar os corações**

Olhares

*São tantos olhares
Azuis, verdes, castanho e pretos
Olhares maternos, meigos
Olhares famélicos
Olhares tímidos
Olhares sinuosos e vazio
São tantos olhares
Que se miram para tantos lugares
Olhares de dó
Olhares de culpas
Olhares de siga em frente
Olhares de bichos, olhares de gente
Tem olhares desconfiados
E aqueles olhares que nos dizem; cuidado.
São tantos olhares
Normalmente são em pares
Tem os olhares ímpares também
Tem olhares que não veem ninguém
As vezes trata-se de uma infeliz lesão
Ou uma mera soberba.
São tantos olhares
Olhares de poetas
Nem sempre em linhas retas
Olhares transcendentais
Olhares que transpassam os portais
Olhares de interesses, os capitais
Olhares sem apegos, outros apegados demais.
Olha-me fixamente e responda-me
Todos os olhares mente
Não se atreva na repostagem.
São tantos olhares, novos, velhos
Tem os olhares comedidos, oprimidos
Olhares recém-nascidos*

*Que justificam
uma vida inteira.*

Me interessa

Me interessa a vida alheia
Me interessa o poema alheio
Gosto de gente
Sou um devorador de sorrisos
Sorriso achocolatados
Sorriso de moça e de moço também
Me interesse por livros
Quando posso roubo alguns
Poucos livros são roubados no Brasil
Que pena!
Me interesse em filosofia
Filósofo todos dias
Sou convertido em filosofia
Repeito as religiões,
Respeito os homens bem intencionados,
Mas não me reverencio,
Só me curvo aos filósofos
exalto os seus pensamentos
Não me interesse por política
Não discuto e nem provoico polemica
Sobre este tema que dizima a sociedade.
Me interesse por películas e canções
Me interesse por trechos de homens sábios
Homens sábios me interessam, mulheres sabias também,
Gente sábias me interessam
Todos os animais me interessam
Me interesse por sonhos
Sonhos todas as noites
Sonho com catedrais abandonadas
Me interesse pela vida
e pelos viventes.
A dor alheia me interessa

Todos os poetas escritores
me interessa,
Seus pontos, suas vírgulas, seus romances e rimas
Alimentam minha mente e meu corpo

Se era agosto, não sei

Quando amor chegou
As flores se abriram
e não era primavera,
se era agosto, não sei
Você sorriu, o mundo sorriu
E o amor invadiu nossa cidade
Fomos surpreendidos, sim era o amor
Com certeza! Agora, se era
agosto, não sei.
Pelo seu jeito, pelo meu jeito,
era uma boa estação, tinha muito verde brotando, casa cheia
e mais gente chegando
Crianças correndo
Mães sorrindo
Moças bem vestidas
para o baile.
Podia ser qualquer mês
Pois tinha aroma de manhãs
nas janelas
Mas se era agosto, não sei
Sempre havia comida a vontade
na cozinha
E uma tia boazinha
Estendo roupas no varal.
Quando o amor chegou
estava frio, e havia um cachorro latindo no quintal
Não tinha ninguém na rua
Uma moça fazia amor
e dizia palavras sujas
Uma velhinha tossia
três irmãs dormiam no
mesmo quarto
Todas com os pézinhos pra fora

Se era agosto não sei...
O amor chegou bem de mansinho
Quase ninguém percebeu
Não havia ninguém na praça central
O parquinho ao lado, já tinha fechado
As luzes das casas estavam apagadas, um bêbado dormia embaixo da marquise
De repente, um cheiro de café
invadiu a casa toda, um
gosto bom chegou até as estrelas
Um homem se despediu da esposa
com um leve beijo na boca.
Quando o amor chegou, eu já existia
Esse mundo existia, este poema gemia no meu útero
Agosto, e todos os calendários
já existiam, até o padre
cochilava na casinha que ficava
no fundo da igreja
Tinha um gato que caminhava
pela sacristia, de vez em
quando miava, em seguida
nada acontecia.
Até que um dia... não me
lembro a ocasião
o amor chegou
O padre acordou, checou o hálito,
três irmãos dormiam, eu já existia
nada acontecia,
então me lembrei, sinceramente,
se era agosto, não sei.

A princesa e o Duende

Neste caminho, o justo e o injusto percorrem, detalhe, apenas um concluirá a empreita,
Naquela distante montanha, esconderei, o oprimido...
o deprimido...o tolo, talvez!
Vivemos tempos difíceis,
Ainda bem que temos o Sol
Sobre nossas cabeças confusas,
Nos valemos da espada e da fala,
Temos uma língua doce e afiada, sempre a disposição dentro da boca
Meu amor, não trago flores
Em minhas mãos,
Somente as mãos trago, E nada mais, além delas,
Ah, que bom que temos as pernas
sãs, assim podemos vadiar por ai,
Queria um copo d'água fria e incolor,
Que alimento inodoro este que
causa-me tanta dor!
Renuncio as histerias sem embasamentos científicos, basta!
Degustarei gafanhotos e outras iguarias em minha dieta crística e quase solitária,
Viajarei na constante velocidade da luz,
se os deuses assim permitirem, tamanha insanidade,
Do escudeiro espero fidelidade, e bom comportamento; as vezes adulto,
as vezes infantil,
Que seja engraçado e resistente Ao frio e a fome
Pois o território a ser conquistado é árduo e hostil,
Carregado de homens sisudos
Neste exato momento, temo
pelas donzelas,
-Donzelas de todos os reinos, e de todas plataformas e torres digitais!
-Não se apartam, e não se entreguem a estes senhores da indústria do tabaco e do silício!
Ah, como eu queria ser uma lâmina de raio de sol,
e anunciar o amanhecer de uma nova era
Em um planeta qualquer, em uma cúpula qualquer, em uma caverna qualquer,

Libertar os injustiçados platônicos.

Ao longe vejo bravos soldados

retornando feridos e cansados,

Eu lhes devo atenção e alimentos,

Vieram de uma batalha épica

Entre a ciência exata, contra os mouros dos absurdos e seus negacionistas pândegos,
e debiloides,

Estes para muitos, são heróis e voam como mariposas frenéticas Que bailam em torno da luz,
até a morte inglória. Em troca de efêmeros Fiat lux,

Um camponês me olha com desdém, e diz coisas que até então desconhecia:

Por essas, e outras, prefiro os duendes, são mais precisos e humildes,

para certos assuntos de salvar o mundo ou libertar indefesos,

No tocante a fome no planeta

são bem mais sensíveis também,

Sim, os duendes são criaturas dóceis, e sociais, de suma relevância no cenário geopolítico, Do
nada ouço uma voz meiga e concisa:

-Concordo, duendes são

realmente fofinhos,

Meu fiel escudeiro diz jocosamente;

-Então, cortemos a cabeça

do camponês desdenhoso?

-Mas não é muita violência!

Intercede a voz meiga e apavorada,

-Que dentes! Que anjo negro e lindo

habita dentro de vós! Todos ouvem meu pensamento,

Dou um breve sorriso e tento acalmar a mileide aflita;

-Não existe tal violência, e nem tamanha punição para os insurgentes,

minha gentil senhora!

Esboço um sorriso do dever cumprido, e caminho a deriva.

Ilusão

Se é doce ou tem um gosto exótico, só voce sabera dizer
Se esbarra no gótico, não sei precisar
Perto dela me sinto nu
Dentro dela fico blue
Nada é real
Nada tem forma
Bonitos e feios
Se valem dos mesmos anseios
Eu existo!
você existe...não se preocupe com isto
Sinta os sabores, doce, amargo, salgado, azedo
Viva o tempo, o momento, o vento e o ruído
Tudo ilusão ; a moça que passa
o moço que olha
A chuva que molha
O sol que bronzeia
A conta no banco
A casa do sonho
O carro do ano
Meus acertos, meus enganos
O cigarro no bolso
Minha jacketa
Meu trabalho
Meu café da manhã
Mera ilusão
O coração, a paixão
O ódio, o tédio, o pódio
Tudo ilusão
Vida, morte, e a tal religião
demonios e deuses,
Tudo ilusão
Eu existo!, ele existe!
Você existe!

Não sei... neste exato momento tenho dúvidas
Tenho dezenas de dúvidas
Tenho perguntas, tenho um estoque de perguntas
E você tem uma demanda de respostas?
Tudo ilusão
Homens, mulheres
Negros, índios,
Pardos e mulatos
Natal, carnaval
O homem na lua
O sol sobre a terra
Tudo ilusão
O trem que me leva
O pássaro que voa
A criança que corre
O padre que dorme
A jovem que amamenta
O monje, o aprendiz
A atriz porno
O fim do mundo
A teorias e os teóricos
Tudo ilusão .

Ontem

Ontem eu quis saber sobre a flor
Que a natureza forjou
Mansamente, sem pressa,
Eu olhei para o rio, ele me sorriu
Pois não era um rio, era um riacho
Ontem amanheci contemplando o universo, estrelas, fauna, flora,
e os animais de todas espécies
Eu um ser no observatório, quase único
Tímido e deslumbrado, feito um filhote
Eu o centro de tudo, eu o mundo, eu e a rosa
Sentiamos os sons de todos organismos
vivos
Rochas, montanhas, mares, edifícios,
Crianças chorando a noite
Aves namorandos, borboletas batendo asas em lugar equidistante
Ontem a vida me absorveu, e eu entrei em todos os lares, e vi todos os rostos,
vi tantos sorrisos lindos
Vi a tristeza também
Senti a presença da ira
Claro que ignorei
Lembrei de um poema lindo
e em alto som
recitei
Segui a viagem linda
Trago resíduos dela ainda,
Poeiras e minúsculas gotículas
de orvalhos trago comigo,
Trago cheiro das crianças, das mulheres,
dos homens, dos animais,
impregnados nas ventas
Trago seus olhares candidos,
seus sorrisos, seus medos,
suas alegrias e ressentimentos

Eu o guardião dos sentimentos.
Viajando no tempo,
Feito um louco
e feliz, e atrás de mim, legiões de
Homens e meninos,
mulheres e meninas
Todos na mesma paridade
O ódio estava isolado pelos anjos,
arcanjos e querubins,
A viagem seguia sem problemas
Quando batia o cansaço
Descansávamos nas montanhas
e nas árvores,
e sorvamos todos sabores
e aromas
Ontem eu tive um belo sonho
Hoje ei de sonha-lo novamente

Meu coração vagueia

Meu coração vagueia
Ocila e titubeia
Sempre silencioso, e a deriva
Nas ruas estreitas e escuras
deste labirinto
Amor, a lua já não faz sentido
As estrelas não me representam
Na boca o gosto da sua ausência
Hoje troco as noites pelos dias
E os meus gritos não chegam ao seu ouvido
Amor, meu coração tá sujo,
desconexo e confuso
e chama por teu nome
Implora pra você voltar
Vêm da um sinal
Para iniciar a busca
Da paixão perdida
Já faz um tempo que você se foi
Não deu tchau, nem disse oi
Amor, meu coração tá perdido
Se sentido um estrangeiro
neste corpo deprimido
Amor, sinto falta daquelas noites
Das madrugadas também
Dá um toque, uma dica
Volta, me abraçe e diz que fica
Me devolva o sorriso
repare os prejuízos
resgate o meu amanhecer

Tenho tempo

Tenho tempo

Tenho tempo e não barganho

A demanda é grande

E o pão não esta ganho

Tenho chorado rios, mares e oceanos

Vejo navios perdidos e faróis esquecidos

Órfãos da tempestade

Que anseiam por repouso

E uma noite tranquila

Sem susto, sem violência

Com a certeza do retorno

e o almoço em familia

Coisas simples e corriqueiras

Que não requer planos

Nem avisos com antecedências

Tenho tempo

Só não tenho a tal liberdade

E apesar de tudo,

Eu ainda sei sorrir

Um sorriso de verdade

No lombo eu trago as marcas

De todas as crueldades

Se eu bater em sua porta

Por favor, não me ignore

Põe a chaleira no fogo

Me ofereça um café

Se possível, sirva um pão

Para eu me manter de pé

Coisas simples e corriqueiras

que acontecem no mundo

Pelo menos no meu mundo
Acontece
Chamamos isto de vida
Tenho tempo
Se tens café!
Já temos um bom começo.

Eu sou só

Eu vivo assim
Sem uma boca pra beijar
Um corpo pra encostar
Umas ideias pra trocar
Eu sou só,
terrivelmente só
Eu nunca degustei
um bom vinho com ninguém
E nem dividi o mesmo prato de
espaguete com nenhuma periguete
Eu sou só, neste mundo
Eu nao tenho companhia
Pra esquentar o calcanhar
Quando o frio apertar,
Eu sou só, terrivelmente, só
Eu queria alguém
Que me chamasse de meu bem
Eu queria alguém para conversar
Juntos contemplar as estrelas
Frequentar as casas dos amigos
Nos dias de domingo
E nas férias viajar
Nos feriados netflik
Pipoca, e coca cola
Mas eu sou só,
perdidamente, só
Dizem que temos um leque
de possibilidades
Imagine voce, eu consigo ser só
nesta cidade
Preciso de alguém pra dividir os sonhos
Ler os poemas que componho
Ou simplesmente dar boa tarde

Boa noite, ou como foi seu dia
Eu sou tão só
Eu vivo tão só
e não me acostumei
Sinto falta do abraço
do sorriso, e do amasso
Queria alguém pra ficar
Até o suor esfriar.

Um simples ser

Descobrimo e desfolhando
o tempo, eu vou,
Decifrando enigmas
em pinturas abstratas,
As palavras surgem,
em brisas epifanicas,
O nada e o vácuo
indevidamente
ocupam os espaços,
Bem mais distante partículas
e antiparticulas
se abraçam pela última vez,
Porém os movimentos primários
mantem-se inalterados
feitos crianças birrentas,
Sigo um som compassado,
e pulo amarelinhos na estrada
de tijolos amarelos,
Enquanto Beethoven e Beatles
traduzem a perfeição,
Sou um ser simples,
e de fácil compreensão,
Minha cultura é parca
é de pouca dimensão,
Meus gritos atingem pífios decibéis,
Mas eu insisto...eu existo
Mesmo vivendo um paradoxo quântico
nas calotas polares,
Sou um viajante do tempo
e trago notícias frescas que
mudarão vidas,
Vida é coisa séria,
Então me ouçam,

Abaixem o volume
escutem-me,
Eu tenho algo a dizer,
sou um simples ser
De baixa estatura
de costumes banais
e uma enfadonha rotina.

O poeta e a pupila

Você será minha pupila,
no ofício de criar poemas,
Craverei em sua mente e no seu coração, frases e dizeres,
que a todos encantarão.
Prometo que todos os dias que
me restam dedicarei a ti
no árduo ofício de parir poesias,
Teu poder de criação será tamanho,
que muitos dirão: Eis aí,
a chocadeira de incontáveis versos
Esta imunda, põe os versinhos no mundo, depois os abandonam
a sua própria sorte.
Vagabunda! Gritará o vilarejo
em polvorosa,
Sim, somos vagabundos, minha cara,
Vagamos sob o sol escaldante,
com nossos escritos fedendo
a peixe, implorando que
alguém os acolhem, e os lêem ao
ar livre, nas suas casas, embaixo dos viadutos, pontes, e nas
intermináveis noites glaciais.
Veja só, minha bela, isto por si,
já seria um grande aprendizado,
Agora preste atenção,
nesta importante lição,
A inspiração, nem sempre
é nossa aliada,
Cuidado! Quantos deuses da literatura foram vítimas dela
Cautela!
Neste momento eu invoco
todos os poetas para que
comam e bebam do seu
farto banquete,

Caríssima, não banque a puritana
deixai a poesia lhe invadir
e tenha um deleite dantesco.
Oh! Não fujas de mim,
feito uma bacante arrependida
Farei de ti, a mais linda musa,
e precisa na arte da escrita
Olha, siga apenas este caminho,
que indico,
Não de ouvido a outros temas,
Me responde! Queres de verdade
a poesia?
Fazes grande caso dela?
Então cautela.
Já desgustaste um bom vinho?
O sabor fica na língua, ou na goela?
Assim é a poesia; as vezes,
a cândida irmã, na calada da noite;
a cortesã.
Por hoje é só, meu amor
Não se esqueça de agradecer
e pedir para santa Cora Coralina
proteger seus versos de
pezinhos descalços,
que vagam pela aldeia
famélica, de pães e livros.

Rever

É preciso conhecer
as pessoas, além das primeiras camadas, e ler seus pergaminhos,
Tentar reconhecer nas entrelinhas,
o ser por trás da pena,
É preciso rever os conceitos,
rever os amigos,
Dar um oi para o passado,
Rever os antepassados
nos parques arqueológicos,
e dizer: ei, eu trago seu dna comigo, sabia!
É preciso dar uma passada
na casa da tia, esquecida a décadas,
e comer seus bolinhos de chuvas,
Aproveitar e resgatar de cima do guarda-roupa as tais fotografias,
É preciso ter risos frouxos,
para não constranger o palhaço,
É preciso paciência, na arte de se relacionar
com os animais da mesma espécie,
É preciso andar nas calçadas, arriscar uma dancinha, dar uns pulinhos,
como se houvessem amarelinhos imaginários rabiscados no chão,
Sei que não tenho pensamentos tão ordenados,
e nem um olhar lânguido que traz uma plena sensação
de segurança,
como o olhar do cachorro amigão, latindo madrugada adentro,
enquanto seu dono, tenta em vão se recuperar de uma lesão emocional , que o persegue através
dos séculos.

Inebriado por ti (feiticeira)

Teu olhar de feiticeira,
Tuas mãos de dedos longos,
Teu perfume espalhado pelo ar,
faz o tempo pausar,
Sua boca, seus trejeitos,
seu jeitinho de andar,
Quando senta com as amigas,
cruza as pernas para o mar,
Quando entristece
do rosto escorrem diamantes,
quando anda entre as flores
fica mais fagueira ainda,
Tuas pernas, teus seios
são pomares abastecidos.
Teu corpo é vereda,
É quase um abrigo,
Seus movimentos, meu perfume,
Você é a coisa mais linda de se ver,
Quando dança encanta o mundo,
encanta esse moço, que todas manhãs, bebe orvalhos que vazam do seu sorriso
Que feitiço bom é este! Que trazes contigo,
enebrina meus pensamentos,
aquece meu coração.

Tempo, o inclemente

Não espere do tempo, recompensa
O tempo é um senhor raivoso,
cheio de dobras,
Ele, o tempo, caminha devagar
e nesta cadência
as estrelas e as coisas, se distanciam de nós,
Enquanto, meninos
viram homens,
Meninas, viram moças,
Velhos, velas e vilas, impiedosamente são
devorados.
O tempo é cruel,
O tempo é inexorável,
O tempo é mau,
Olha, o que fez comigo,
Olha, o que fez com a gente,
Inibiu nossos sorrisos,
Limitou nossa visão,
Lentificou o nosso andar.
O tempo, não é meu amigo,
Me recinto por isto,
O tempo é inegociável,
e irreduzível
Por isto, o tempo
é tão inflacionado,
Quem investiu no tempo,
hoje ri a toa.
Foi através do tempo que eu perdi, o teu sorriso, irmãos,
filho, pai, amigos, tios,
e animais de estimação.
Tempo, o inclemente
Senhor das minhas feridas,
Te encaro tempo, mesmo ciente que a lona é certa.

Veja do que o tempo
se apropriou;
ao longo da sua existência;
-O tempo, a Deus pertence
-Vamos dar um tempo
-Só o tempo cura
-O tempo dirá.
Quisera do tempo,
apenas uma fração
Um pedido de desculpa
Uma justa correção.

A deusa sagrada da literatura

Não é só falar de amor, simplesmente,
É muito mais,
É como criar sonho
metafísicos
Resgatar uma imagem desbotada, de um velho porta retrato e identificar
um ente querido,
entre alguns desconhecidos.

Se neste mundo, tudo fosse real
De certo seríamos todos tangíveis
acessíveis, alcançáveis
Assim ficaria mais fácil dizer:
Oi, tudo bem! Podemos começar
E romperíamos todas as barreiras e taxas cambiais.

Não é só sobre sexo,
mas é como se fosse,
É como decifrar manuscrito de
uma civilização perdida,
Nesse momento, eu dobro
meus joelhos, a deusa sagrada
da literatura,
Não fazei que eu pereça
Nestas, tão poucas linhas
e que os meus escritos, não sejam objetos de descasos,
E que eu não venha ser indelicadamente tachado
de lunático.

Não quero mais tempo produzindo, e nem quero livros intermináveis,
Só quero para hoje, mais espaço, e mais grafite,
nesta singela e pálida folha.

Oh, deusa única e sagrada da literatura,

Conduza esse texto
Dentro de um contexto
Obedecendo a estética
Que eu não perca o fio da meada
Entre uma frase e outra
Que seja um texto compreensível,
Abstrato, concreto, sensível,
Para que todos possam ler
em voz alta, ou baixa
sabe assim
quase sussurrando.

Ler um ato nobre - Uma singela declaracao de gratidão

Estou com aquele sentimento de gratidão
De quem finalizou a leitura de um livro bom
E saiu por aí, a pensar no mundo e nas coisas
Boas e más.

Eu lhe asseguro; ler é tão nobre quanto o escrever
Ler é virar páginas e mais páginas
Sem perder o interesse
É viajar sem pensar na volta
Ler é viver histórias loucas e aventuras mil
Que só os loucos e aventureiros sabem viver e contar.

Quem negocia um livro, vende mais que um produto
Vende descobertas
E de posse destas descobertas, vem as ferramentas que consertam o mundo: liberdade,
Sabedoria e empatia.

Leio livros, leio filmes; leio bulas,
Leio os enigmas da vida
Estou com aquela sensação maravilhosa
De quem saiu de uma livraria
De um sebo
De uma biblioteca
E caminha pelas ruas
Com um cartaz nas costas
"Eu leio," diz a mensagem.

Leitores, sois tão dignos e importantes
E reafirmo, ler é tão sublime
Quanto o escrever
Ler é um ato generoso, divino,
E transcende dimensões.

Ler é entrar na mente de um sábio sonhador
E pedir com jeitinho,
Tem espaço para mim!
E se enfiar lá, bem no meio
E ficar...ler... chorar...rir
Ficar assim indignado, extasiado,
Até ser gentilmente expulso.

Floríferas no jardim

Após dias de namoro
Naquele belo jardim
Uma flor um tanto saidinha
Disse, a outra flor um pouco tímida
Posso encostar meu androceu
No seu tão puro ginoceu
Esta, enrubeceu
Olhou para o lado
respondeu: no meu!
E foi assim que aconteceu
Desenvolveram relacionamento
Sinal verde, consentimento
Desfrutaram da paixão
Ele, uma flor varão
Ela, até então, casta em botão
Loucamente se entregaram a germinação
Duas semanas depois, o resultado dos dois
Uma linda flor bebê nasceu, enfim
Para alegrar ainda mais o jardim

Pretencioso

Tenho um poema completo
Saindo das minhas entranhas
Palavras e frases convergem
Em rimas e versos
Tem um sádico dentro de mim
Que me espreita do alto
E devora este sonhador
ri dos meus atos
Até ficar frouxo
Sabe que sou insano
E que não tenho medidas
Por isso sempre se afasta
E eu com receio, também recuo
Há um artista medíocre que habita em mim
Junto com o insano, é claro
Ambos convergem entre si
Em uma perfeita tocaia
Produzem diálogos chulos
E reforçam nas metáforas
Tornando o caminho incerto
Desta feita, e sob tal sortilégio
Caminhava eu por um beco
Dei-me conta que minha sombra
Não mais me acompanhava
Sentei-me e chorei copiosamente
Nunca estivera tão só
Nesta minha vida, tão ímpar
Existe um poeta se formando
Dentro de mim
Assim como um pêndulo
Oscilando
Ora pra cá
Ora para lá

As vezes foge em disparada
Porém, sempre oscilando.

Coração traquino

Meu coração vaidoso
Fica inventando histórias de amor
e do nada entoa cantigas apaixonadas
Rompe as madrugadas frias
devorando Romeu e Julieta
Quase caminha por Verona,
na verdade, em devaneios caminha.

Este coração brincador
fica de prosa com a lua
Como se a impávida e esplendorosa
fosse a madrinha de todas as paixões, e mazelas amorosas
Lua, tão linda lua,
Vaga nua
sem ruborizarse,
Provoca o mar
em um brejeiro aproximar.

Este coração moleque
não quer crescer
É como jovem no baile
só quer aparecer
E se possível, dançar abraçadinho
com a mais linda da festa, você!

Moça linda, cujo sorriso encantou-me
por acaso viste, por ai, o meu coração a deriva!
Caro amigo pescador, pergunto-lhe
assim meio tresloucado
não fise um coração
sonhador, nestas águas,
não tão piscosas
E o descartou as margens!

Se assim fizera,
Sei que não foi por descuido
Talvez, tenha imaginado,
tratar-se de uma bota velha.

Ah! Este coração oportunista
se engraçou pela solista
Só para assistir a ópera
Mas insisto ao pescador
caso pesque meu coração
entregue pra'quela dona
cuja chalana
se distância aos poucos dos olhos meus.

Ah! Este coração pivete
me põe em cada situação
Coisas de coração pueril,
coisas de lua, e de poeta.

Resquícios de um amor e suas indelévels sequelas

Minha vida esquecida em uma
específica época,
Sou apenas espectro, deste que lá atrás ousou ser, um ser, um pouco menos infeliz
Naquela manhã ensolarada,
você me brindou com um regalo,
Um "não" em voz baixa e quase rouca, e com um efêmero hálito de curaçau blue.

Seria assim minha saga de desamores nas décadas vindouras, acumulando "Nãos e raros Sims",
subia e descia a famosa rua,
em tempos de síndromes, paixões
e lesões subcutâneas adquiridas,
As vezes penso que morri, naqueles cubículos fétidos.

Nem montanhas, nem praias,
nada me faz esquecer, seus lábios
sutilmente rachados,
em microscópicas fissuras,
ambiente perfeito de microorganismos e bactérias,
primórdios de uma contaminação em massa,
Mesmo assim, cai de boca, em sua boca
Não fecundamos óvulos,
não nos vemos hoje, em nossas continuidades.

Todas as lembranças, cores e aromas, se dissiparam em diafanos visões não cristalinas,
Trago comigo, teu sorriso, o gosto do seu sexo, as três da madrugada
Tudo isto trago comigo, em uma caixinha hermeticamente fechada.

Cansei, não procuro essa tal felicidade, anymore!
Essas incertezas amorosas
ao longo dos anos
Abreviarão meus dias
você era o meu padrão
o certo, o inserto

hoje vagueio,
alma errante
sob o sol escaldante
deste árido deserto.

Pirilampos ou pisca-piscas.

Ontem, vi muitos lumes nas vagas,
Tinha dúvidas se
eram diminutos pirilampos,
ou freneticos pisca-piscas,
alguém me belisca!

Piso frio

Nesse ambiente inóspito
O hóspede se apequena
E seu andar procura a saída
Não sente fome
Não sente sede
Somente uma vontade imensa
De evadir-se
Feito um maratonista em exercício
Não move a cabeça para trás
Não se faz necessário.
Essa gente rude
Não merece elogio
Nem flores
Nem chocolates.
Nesse ambiente inóspito
O ódio é a moeda de troca
Olhares tortos,
Ausência de sutilezas
De oi, olá.
Gente feia
Piso frio
Neste ambiente
De característica glacial
Só a geladeira, se justifica

Música

Eu gosto do Noel
Do Cartola, e do Pixinguinha
Ouvir música é um dos meus vícios
Eu gosto do Buarque, do Veloso
Do mestre Vinicius
Música me acalenta
Em som ambiente
Quase lenta
Música pra dançar
Bethânia me faz chorar
Elis, a emoção por um triz.
Eu gosto de música
Muito embora eu não canto
Roberto, eu ouço tanto
Que até já decorei
Algumas pérolas do rei
Eu gosto de ouvir
Lindas canções
As vezes a noite
As vezes de dia
Eu gosto da Marisa
Da Marina, e do Melodia.
Eu gosto da poesia
Que da boca entona
Sai como um beijo
Que se apaixonou,
Eu gosto do Ramalho
Do Dominginhos
Do Montenegro
Eu amo música
Mas não sei cantar
Isto não é segredo
Será, se de tanto escutar, Ramalho e Belchior eu aprendo cantar!

Para os colibris

Adoráveis colibris,
é com muito carinho
que me dirijo aos lindos
passarinhos que
da janela, os vi
eram nove colibris
que voavam, cantavam
e incansavelmente
visitavam as flores
Ah! tão pequenos,
e de canto agudo
vão espalhando
ao mundo, candura
suas cores brilhantes,
os bicos alongados,
provam das flores a sutil doçura,
e feito sortilégio,
nos fascinam pairando no ar

Me esqueci na estação.

Um dia peguei um trem
eu estava sozinho,
Como sempre,
Depois
de várias paradas.
Percebi que havia me
esquecido naquela estação.
Voltei desesperado,
e para
o meu desalento,
eu não estava mais ali.
Sentei no banco
e chorei
copiosamente.

Um trem cargueiro

Perto de onde moro
passa um trem
é um trem de carga
não transporta ninguém
exceto o maquinista
que a gente nem a vista,
Durante a madrugada,
quando ele vem
interrompe meu sono,
Com uma buzina ensurdecadora,
eu não me importo,
e durmo bem,
É um barulho tremendo,
metais gemendo,
sobre extensos trilhos,
Um trem cargueiro,
com mais de cem vagões
que desfilam sobre os pobres dormentes
inertes e presos a similares grilhões.

O poeta e a poesia - Relacionamento aberto.

Poesia breve, como teu passar
Um passar impune, avesso olhar
O poeta traz uma aparente vontade de chorar
por nada, e por todos
Tem seu gostares traduzido
Em dores.

Poesia breve e leve
Menina traquina, serelepe
Que brinca de pique- esconde
Sofre pela ausência de olhares
Ainda não trocados,
Amiga de gente invisível
E das palavras,
As palavras são como flores
Ele, o poeta; como bom colibri
Cobre de beijos suas pétalas Imaculadas.

A tarde o poeta põe um casaco
Velho, percebe que é noite
As noites são ligeiramente frias
Esboça alguns sorrisos e uma
Preocupação não aparente
- Há essas horas há poucas
pessoas vagando no planeta...

Este pensamento do nada
Surge em sua mente
O poeta vislumbra repouso;
A poesia "sair".
Ela quer se divertir com novos
Conhecidos, possíveis amores
O poeta entende, deixa alguns
Trocados,
O poeta é bom e complacente
Ante as fraquezas alheias

Ele só diz: cuide-se

Nos veremos pela manhã

Enquanto as manhãs existirem.

Entre falésias, loucos de pedra e omega três.

Saiu de carro
e não voltou mais
Subiu a escada e resolveu
ficar lá em cima
escalando o céu.
Decidiu dar um mergulho
e não emergiu
todos ficaram as margens
esperando ansiosos por ele
enquanto era hipnotizado por uma bela
que dirigia nas profundezas do rio.
Saiu para pedalar na ciclovia
e ficou pedalando toda eternidade.

Decidiu tomar um café
enquanto outros decidiram tomar
de assalto a cafeteria
agora o café está frio, ele está frio
e o inverno está longe.
Resolveu viajar
fez revisão no veículo
choveu nas estradas
"eles" não fazem revisões
destes itens; barrancos, encosta
pedras, falésias
Este, tristemente economizou
nos pedágios de volta
para concessionária
mais um caso
uma mera notificação,
a família devastada pela dor
lamentará a perda
de valor inestimável,

enquanto existirem neste
mundo, viverão com uma
marca indelével em
seus corações.

É noite, ela está cansada
resolveu cortar caminho

Um louco de pedra cruza
seu caminho cortado

Infelizmente é noite

ela continua cansada,

ou pior exausta e apavorada

ninguém ouve seus gritos,

apenas uma pessoa ouve

mas ele é indiferente

hoje é dia da caça,

não para a onça.

Definitivamente hoje

os horóscopos erraram

as previsões sobre

ganhar dinheiro

novo amor, família e saúde

estarão mais aqui

para rir destas besteiras

quase sempre narradas

em jornalescos vespertinos

entre merchans de cintas

reduzoras de barriguinhas

e pílulas de ômega três.

infelizmente Eles não

Infância

Ah, lembranças da minha infância
Um relógio de corda na parede Caiada, o fogão de lenha
Toicinho fumegando no arame
Sempre havia galinhas caipiras Apreensivas no terreiro.
Saudosas recordações
De quando pequeno
Éramos todos morenos
De calções encardidos
Cheirando xixi
Os pés sujinhos de barro
Vermelho do olaria.
Cachaças de litros para
Os moços de carcaças
Alquebradas da lida
Nas pipas, a vida era dura,
A infância era pura,
A diversão, um radinho de pilha Tocando Roberto,
E músicas raizes.
Tínhamos poucos,
Em tempos felizes,
Entre borboletas, casas de Joões De-barro, e córguinhos pra
Pescar cará, a inocência fluía
Era ruim de mira pra sorte
Dos passaredos.
A lamparina de querosene,
penando na escuridão
Só acentuava os medos
Do menino assustado que eu era
a vida seguia, e era tudo tão lindo.
Macarrão com molho de
Tomates nos domingos,
Servidos em pratinhos de plásticos,
Comíamos em duplas,

Ah, tempo idos da minha infância

Vida simples e sem culpa

Risos

Risos incontidos nos filmes
de comédias,
Risos acima das médias,
Diga-me quantos risos serão precisos pra tirar um sorriso teu
Moça, rir é coisa de Deus!
Veja a esposa de Abraão
que o "riso" concebeu,
Moço do riso fácil
cuja moça se encantou,
seria este o segredo?
o riso antecede o amor,
O sorriso soa elegante,
E o riso? é quase infante!
Riso e sorriso são sinônimos,
Ninguém fica indiferente
deste ato cativante,
Se hoje você não riu, ou nem sorriu
se valha de uma boa lembrança,
Relaxe por um instante,
vale até piada picante

Insana idade

*Tens um corpo quase sano
Vagando em pensamentos
profanos
Erramos, como a maioria
dos humanos
E nesta insana idade
ajustamos os ponteiros
Ou tentamos
uma vã normalidade
Tudo tão aparente
deve ser o clima desta cidade
Ainda na mocidade
me pegava falando sozinho
Para mim era normal
dialogar comigo pelos caminhos
A sanidade plena, beira a ilusão
Viva a mente sana!
Para alguns sou poeta
Para os íntimos Napoleão.*

Meu chinelo franciscano

Meus pensamentos
meus sentimentos
Retidos na mente
Algumas vezes externos
Meus manifestos pensantes.
Ah... como cansa o pensar
Como demanda energia
Esse exercício silencioso
E solitário,
Mas é libertador em
Seu desdobramento.
As vezes penso em
Estradas, vales
E coisas simples
Saio caminhando em terras Planas
Em planícies, e em solos áridos
Meus pensamentos
São livres e leves.
Eu como bom errante, calçando
Meu chinelo franciscano
Vou me fartando de sonhos devaneios e poeiras cósmicas.

Medo, medinho, medão.

Houve um tempo,
onde o silêncio, e os olhares instintivamente se
comunicavam entre si,
Trago deste período resíduo
de medos fossilizados
em mim.

Tinha medo dos porões mofados,
e esquecidos embaixo das casas
Medo da escuridão, também tinha,
e medo das cavernas que por
séculos habitei,

Quando ainda não existia
fogo neste mundo,
eu um símio infantil e assustado,
recolhia-me no colo da minha
mater dolorosa símia,

Que me ninava cantando uma velha canção rock-in-roll.

Os medos das assombrações
vieram depois,

Vieram com as tempestades

Em seus cavalos selvagens,

Trazidos nas histórias macabras da minha tataravó, recontadas por uma velha, que após sua morte
viera me assombrar nos primeiros dez anos da minha penosa existência.

Enfim cresci, tornei-me

homem, evolui,

E comigo todos medos evoluirão

na mesma proporção;

Medo da morte,

Medo de falar em público,

Medo de avião,

Tinha medo do medo alheio,

Exausto, neste rodadoiro fóbico adormeci

Não era noite, nem dia

Algo assim, entre o onírico e o pantanoso

Com sua Hidra de Lerna

A me aterrorizar

Tinha medo das catedrais,
Era tudo assustador,

Dos padres, das coisas pregadas Nas paredes,
Talvez fosse paúra mesmo

Onde estás!

As vezes você surge, feito canção,
Aquece meu coração, Com seus impulsos calientes,
Sútil como infusão,
na noite dolente,
Oh! Princesa, onde estás! Solo estás!
Talvez enclausurada numa torre silente! Esta fluidez aquosa, refrigerio em minha boca sequiosa,
Onde estás!
Minha dama graciosa, Tua sombra, por sobre, a minha sombra,
Tua silhueta me assombra,
Entre desejos e desejados,
um fugaz beijo
é desenhado,
Onde estás! Que não abrandando está sequeidão,
és uma esfinge, devorando meu coração

Antes de mais nada...Sou poeta.

Sim, antes demais nada
gostaria em ré - afirmar
que sou poeta
Nas horas vagas invento coisas
Em páginas pálidas, esquecidas
Eu ainda insisto em me apaixonar
por flores, pessoas
Gatinhos, e afins
Quando a inspiração se ausenta Sinto-me um namorado
Decepcionado pela angústia
da espera
Quando ela me abraça
Saio pintando os muros da cidade
Vivo minha melhor
faze rosa.
Luas e sóis endoidam no céu
Se alguém se importa
com o que escrevo
meu sorriso e meu contentamento Tornam-se moedas de troca
Se não gostam
se não se importam
me tranco, e arremesso
a chave pela grade
Sim sou poeta e passional
Tenho as minhas vaidades
Todas catalogadas
quisera não tê-las
Mas este não seria eu!
Quero comentários
quero likes
Com carinhas de sorriso e jóinhas
Quero todas as ferramentas disponíveis do pacote adquirido
Sim sou poeta, e bobo de carteirinha

Entre prosas e poesias, vaga um velho vate

Entre prosas e poesias
caminho rompendo
noites e dias
Se no inspirar, as vezes míngua
os versos,
Lembre-se, somos poetas
seres complexos.
Invada-me com suas guloseimas vocálicas, da sua boca
escorrem caldas cálidas
E entorpece o poeta
o caçador de palavras raras
Palavras como;
indelével, indefectível
O poeta é um ser híbrido
Nasceu do cruzamento
entre a verdade e o inverossímil.
Lá do topo da montanha,
a poesia se joga e jorra
como lavras,
Entre prosas e poesias
Tretas e letras
Vaga o bardo
e suas fiéis guias
tristeza e alegria.
Assim é a saga do
velho vate
cheio de tiques e Toques
Flerta com a dicotomia. Convive entre o
herege e a heresia
Tentam se estabelecer
No crepúsculo, agora é tarde
Pois os versos tem poder.
A poesia ignora as medidas

**sofre de disritmia
É moça folgosa
Nas camas da vida
Repousa e gosta da suave
colcha de algodão
Não faz por dinheiro
Nem por concessão.
Mas em vosso coração
empedernido como aço
Você insiste na métrica,
No compasso
Mas em Ad eternum,
a poesia não tem regra
chuta o balde e o
traseiro do palhaço
e manda tudo
pro espaço.**

Meu coração taciturno quer passear.

Mais uma noite,
sem um boa noite,
Meu coração taciturno
lamenta minhas escolhas,
não me culpa,
sofre calado com minhas agruras,
E se fossemos viajar,
se distrair, ver montanhas
serras, e vastas planícies
Talvez prefira o mar,
um resort, caminhar na areia
de bermuda, e óculos de sol, Conhecer pessoas,
beijar na boca,
sexo sem compromisso,
Sim, ele não pede,
mas está cansado
precisa de férias,
Paquerar, tomar vinho,
comer porções de mariscos, ligeiramente se embriagar,
Tomar uma bela ducha,
por um roupão e relaxar
na companhia de uma moça
que dance axé,
Meu coração taciturno,
trabalha todos os turnos,
e não pensa em parar,
só desacelera quando apago,
sinto que está sem ritmo,
meu amigo tão íntimo
como posso lhe compensar!
Talvez uma noitada, coisas que moços fazem,
E lá pelas tantas,
tomar um pingado numa conveniência, Jogando charme

pra moça do caixa,
de sorriso fácil,
trocar mensagens
pelo Instagram, Chamar no Messenger e varar horas
trocando nudes, Gostou da ideia
está mais feliz, agora, meu amigo!
Então vamos embora
vai de carona no meu peito,
Tira uma soneca, até ronca
sonha com a moça do caixa e sorri,
O cansaço me pega também
mal consigo abrir os olhos,
Dois homens se entre olham,
estão de máscaras, e vestem branco
Estou em uma maca,
e o coração nem ai
não sei estou feliz por ele,
ou em pânico por mim.

Na aridez, desamor

Um sorriso bastaria
Pra voltar minha alegria
Moço, eu nem durmo mais
Eu perdi a minha paz
Quero palavras lindas
Sol, lua e flor
Pra mandar a tristeza as mínguas.
Tenho as rimas definidas
Qual seresteiro cantador
Mas essa conta não fecha
Depois que meu amor. Me deixou
triste ficou meu recanto
Eu me deito em qualquer canto E deste canto, eu não arredo
Mesmo sendo a saudade
o fardo que eu carrego.

Dela, recordo a silhueta
O mar, a areia se esvaindo na ampulheta
Ah, tempo inclemente! A saudade se alojou
Mesmo assim dei um aceno
Só a porteira notou
Eu choro todos os dias
Não escapa um, meu senhor
Até parece exagero
Não tolero alvoroço
Mas me entrego ao desespero.
Se choro fosse disputa
Seria sempre o primeiro
Eu moro longe da praia
E meus olhos marejou
Procurei por toda casa
As juras que ela deixou
A danada bateu asa

E meu coração carregou.
Quero palavras brandas. Pra estancar essa mágoa
Palavras dignas de poesias
Pra dizer ao meu amor
Que um sorriso bastaria
Na condução desta dor
Não estou triste,
Nem alegre
Estou parado, inerte
na aridez, desamor.

Sem cabeça

Ouca bem o que vou lhe dizer
Quando roubaste minha cabeça
Roubaste os olhos meus
Levaste os sonhos meus
Todos os poemas que guardava
Na memória,
Subtraíste de mim Minha cabeça, seu louco
Como verei o sol
Sem meus olhos
Como ouvirei músicas
Sem meus ouvidos
Meu Deus! Que crueldade
Como será minha vida
sem minha caixa craniana
Devolva-me, preciso, verdade
Não faça isto
Não brinque assim
Como beberei café,
Sem minha boca. Como sentirei a doçura do mel, o gostoso e polêmico amargo do
jiló
Veja o transtorno que me causou,
Como beijarei outras bocas, agora
Preciso da minha cabeça
Para ajeitar o cabelo de lado
Usar meus óculos
Fazer essas coisas que As cabeças demandam
Quero ver televisão
E não posso,
Como vou me acomodar na sala
E falar com a visita
Assim sem cabeça
Rechetegue, devolva minha. cabeça, já
Preciso dela

Tem uns pensamentos que não quero abrir mão deles
Umhas imagens lindas
Recordações preciosas
Tantas coisas importantes
Há dentro desta cabeça
Tem uma passagem de oitenta E um....eu ainda adolescente
Tantos amigos eternizados nela
Ah! Saudades da minha cabeça
Difícil viver sem ela
Ainda bem que não uso boné

Desgaste

Tudo e todos se desgastam

As grandes corporações

A mansão, o casebre, os aviões

A fragrância que se esvai,

Os sabores que se desfazem

Tudo é efêmero!

Tudo é volátil e tênue

A tenacidade ficara na lembrança

O amor, o dissabor

O clímax, o crime, o creme

O bolo de chocolate

O café, a coca-cola

A comida indigesta

A reunião massante

A festa

Os banhos nas praias

Os aranha- céus

Somos carbonos

Solidão, abandono

Crianças, jovens, velhos

Presidentes, coletores de resíduos

e impostos

Todos submetidos ao desgaste

Somos oxidáveis

As válvulas, as veias

e os vinhos

E seus números de séries

expostos as intempéries

Belos e feios

Ricos e famosos

poetas e pets

embaixo do mesmo sol

Se esvaindo aos poucos

Entre dores, alegrias

e esperança

Todos fluem na ampulheta,

no filtro somente
os pensamentos
e as ideias ficam retidos

Sombrio prelúdio

Vidas perdidas em lamentos sufocados, Quantos, até breves abreviados Um desespero iminente, entre o indefeso colibri, e a face dolorosa do mal, que sangra o mundo.

Meu espelho, meu fiel inimigo, sem ilusão me revela a verdade, O luto domina a cidade, anjos alvos e prostados, viagens não programadas, enquanto generosas mãos refrigeram as feridas, Oh lua, me resgate em seu leito, Minha carcaça arquejada vagueia, cansadas, minhas pernas dobram, Sem força repouso em uma caverna fria, Na vastidão das noites, lembro das suas mãos afagando meus cabelos.

Neste exato instante, homens abnegados procuram desesperadamente salvar o mundo, aliviar a dor alheia, Eu ainda sinto suas mãos salvadoras e suaves, afagando-me, Minha caverna fria, é como lar sem mãe, sua ausência soa como um sombrio prelúdio, A todo tempo, Super-heróis são surpreendidos, e sucumbem ante aos olhos meus, Abraço a mim mesmo, e choro copiosamente sua presença, Abro os olhos, com dificuldades, e me certifico, estou vivo, ou quase.

Ah! A sorte madrasta não foi justa com o irmão ao lado, Enquanto sofro coletivamente, parte da mocidade ignoram a minha dor

Eu não queria te dizer, mas eu temo fenecer as minguas, Queria gritar que me preocupo muito, muito mesmo. Entendo os anseios, a dor, e as incertezas de ver o amanhã entregue a própria sorte. Por Deus, eu me recinto, mas ainda é tão pouco.

Meu coração vira-lata

Meu coração carente insiste em se apaixonar.

Depois fica todo choroso, uivando ao luar

Como é sonso este meu coração progresso nesta lição, Mesmo comendo do pão, que outro cão
amassou parece que cansou e sucumbe ao improvável,

Alerta coração! Não erre por este caminho, não faça vista

Essa dona não merece esse excesso de carinho,

Ouçã o que falo, se não me calo!

e lhe deixo sozinho

com seus queixumes sofríveis,

Complicados amores impossíveis,

Esse coração vira lata,

Sabe fingir amores, Falseia sentimentos

Confunde meus sentidos,

Altera os meus humores,

acelera os batimentos,

Seduz- me com sonhos e flores,

Confesso, que essa brincadeira em dados momentos me atrai,

Meu coração vira-lata

malandramente sai,

atrás de pedras sem valores vai,

No garimpar dos amores,

só encontra os meus ais.

O Livro Vermelho de Capa Dura

Para ganhar o livro,
o garoto tinha que vender
cinco bandeirinhas, Era esta a condição
Ele queria, A Ilha do Tesouro,
A família tão pobrinha,
Vivia um dilema
Misturas ou bandeirinhas!
Nestes casos as misturas sempre venciam Era esta a real situação.

A professora sentida,
Ao ver aquela triste carinha,
abriu a gaveta, e um livro vermelho, de capa dura,
lhe deu,
Tinha Drummond, Gonçalves dias, Casimiro de Abreu, Cecília Meireles, Ribeiro Couto,
Nossa! Tinha tanta gente,
e tantas palavras nele,
Palavras para uma vida toda.

Por onde andará este livro! Pensou, o homem-menino,
Deve estar se exibindo
em livrarias das Capitais
ou vivendo na Europa
com o amigo Cabiúna,

Com os olhinhos cheios d'água, suspirou o homem-menino,
Puxa! Queria tanto agradecer.

Caudalosa

Eu, em seu leito
caudaloso, rio...
Afronto este caudal,
Desconhecido e
bravio,
é seu jorro fluvial.

No desejo ingênuo,
cedo ao desafio
Pulo em suas águas,
seus braços me enlaçam...
Ouço ao longe um canto
de lamentos e
mágoas.

Retorno às margens
enquanto sua imagem,
num enorme espelhal, se esvai.

Na encosta, exaurido e sem resposta
Nada me motiva,
nada me atrai,
Letárgico, vejo fluir
Em lágrimas, rio abaixo
Diluem-se meus pesares
Em diversos rios...e mares

Amor de poeta - Trazidos pela poesia

Por que demorou tanto, vida minha
Me perdoe, eu estava perdido nas estrelas
Senti tanto a falta do teu amor
Eu sei, cheguei tarde, reconheço
Para compensar, trouxe as flores que mais gosta
Ah, são lindas! Tem aroma de eternidade, amo,
Como sabias!

Posso te beijar com sofreguidão do desejo ardente,
Sim, meu corpo e minha alma precisa do seu amor alimento,
Para que minha vida, ou, o que sobrou dela continue a existir,
Por que não rompera a barreira do tempo ou inventava um portal, e me resgatava deste mundo
sem graça, meu amor.

Estava enfeitado na floresta escura de espinhos,
Mas do nada surge agora!
Conte-me como chegou até aqui,
Eu...eu vim em versos
De um belo soneto
Ah...percebo, a poesia te trouxe para mim,
Então não é tarde, é só o começo, As cegas em ti encontrar me perdi nas curvas do
espaço-tempo,
Preciso descansar, minha alma de tanto querer-te, se exauriu,
necessita de afeto e repouso,
Ei, me abraça, todo meu ser, anseia por seus toques,
Não, não posso estou triste, meu coração está sujo,
Preciso banhar-me com as flores que me trouxera,
O amor ignora odores,
Também estou sujo
das impurezas do tempo.

Ausência 4.0

Ausência de vento, calor,
Presença de ódio, escassez de amor,
Lembranças causam um vazio,
Trago no peito um coração baldio.
Vejo tios na varanda, e já bate uma tristeza,
Uma vontade de chorar,
Eu que sempre fui indiferente,
Moço gaio, insolente,
cheio de milongas pra contar
Mas a saudade inclemente,
Resolveu me afrontar.
Eu que ignorava sua presença,
Não brinco mais de gostar,
Minhas mágoas, água densa,
Aprendi as duras penas,
Conviver com esta falta,
sigo soletrando sua au-sen-cia,
Enquanto a solidão me exalta.

Em noites claras de Clarices raras

Entre livros espalhados pela casa, jovens silhuetas, retocam as maquiagens borradas, cerrando os lábios frente ao espelho que eterniza imagens,
Surgem Cecílias e Raquéis parindo versos forceps
em noites Claras de Clarices raras, sangram! Enquanto eu devoro seus versos
Que vantagem estar vivo hoje
E aprisionar nas retinas, desenhos e contornos, e se encantar
Com Adélias e Hildas em ristes,
Moças de incontáveis páginas, eu as decoro em cânticos.
São lindas meninas forjadas nas palavras
São Alices, que me chegam em imensos rabos de baleias
A poesia não permite concessão,
Saudamos a perfeição nos ecos poéticos, nas Vozes- mulheres, da poeta Conceição.
Que me venham as Piñóns e tímidas Dickinsons em legião,
a palavra é o que importa! Ela é mãe do verbo, Benditas sejam as sagradas entranhas
geradoras de poesias, de poemas, e de poetas

Irmão, irmã e prima irmandade divinal)

(A

Por: NeivaDirceu e Shmuel - Poetas colibris

Imagine o amor sendo pulverizado sobre nossa cidade,
aerossóis aspersando gotículas da bendita esperança,
Tanques arremessando flores diversas nas casas,
Enquanto chuvas de poesias caíam em nossas cabeças,
Um sopro celeste e intraduzível, curando todos os males
Do nada, seríamos surpreendidos por navios, repletos de crianças,
nos sufocando em abraços irmanais,
A noite chegaria suave na aldeia, e todos entoariam cantos
em agradecimento ao alvorecer
(Shmuel)

Imagino a esperança brotando como semente neste tempo de tantas dores
E nesta bendita esperança, seja de reticências...Nunca de ponto final.
Que a esperança seja sempre suspensa, em cores e nunca em dissabores
E que as gotículas e as flores de esperança lançadas sejam sagradas, divinal
Imagino o "Amor" lançando poesias como fogo abrasador...
E que todo ser neste tempo crie asas, como anjos entoando um único canto.
Que a esperança brilhe como as estrelas, assim, distante desvelando-se de amor
Numa noite não tão distante, ainda neste tempo, trazendo aos nossos corações todo ardor.
(NeivaDirceu)

Hoje necessitamos de ti felicidade, e nem precisa ser plena,
Meninas, vamos enfeita-la, com ramos e flores,
Sair com ela, bater nas portas alheias
e dizer a todos; não se desesperem!
Eis o sentimento que vai curar o mundo!
Ah, felicidade, entre ti e a esperança,
quase não percebo a distância
(Shmuel)

Oh! Felicidade tão querida, vividas em momentos
Tão observada nos olhos, como menina amada
Felicidade como dias e noites, momentos que se vão
Passando... Passando... E fazendo retorno;
Quando a esperança se faz presente.
Silêncio! Silêncio! Não a deixe acordar
Pois, hoje a Felicidade repousa com a esperança.
(NeivaDirceu)

Sob encantos

Moça de agradável cicio
Dizei-me, se cantas por sortilégio,
Ou se cumpre o seu ofício,
Eu que não me aparto do vício,
Por fraqueza me prendo em seu visgo,
Em sua boca inocente repousa o perigo,
Seus seios, fartos mirantes
Faróis para os amantes.

Expremei entre suas pernas,
Este pobre explorador de caverna
Devora os meus sonhos porvires,
Ficarei passivo na volúpia dos teus sentires,
Emaga em sua cauda, as minhas esperanças,
Não esboçarei reação,
Sou frágil feito criança
Embala-me nesta canção.

Que fim fútil! Escassa é minha sorte!
No ato de fecundar a vida, abraço a própria morte.

Desde sempre

Seu jeitinho dengoso
me prendeu,
Na masmorra dos teus olhos
Tornei-me prisioneiro teu,
Ando tão carente, e do nada,
ou quase nada, você me apareceu e minhas mágoas abrandou.
Se fez amiga, com este jeito frágil, meu coração quasímodo fez morada,
neste sorriso encantador e tímido,
Não vejo a hora de velejar em suas águas,
Me perder em suas dependências,
Velar sua face linda, e te amar,
Com toda minha força,
com toda reserva de amor
que guardei para ti.

Quero lhe dizer tantas palavras,
darei trabalho para o seu velho
e bom dicionário,
Quero te ver dormindo,
Entre um suspiro e outro
te beijar apaixonadamente, quando amanhecer,
quero estar agarrado a você,
quero ter certeza que és minha,
Serás amada, minha mulher,
como nunca fora antes,
E ficarás comigo!
Até o findar dos meus dias.
Acredite é verdade,
não me permito firulas, nem tão pouco milongas,
Te amo, sempre te amei, desde outras vidas.
Algo em mim pressentia sua
pré - existência,
Mas a vida é cruel,

é desencontro, e nós nunca nos coincidimos nos mesmos sonhos, ou nos mesmos paraísos,
Apenas por músicas e poemas
sabia de ti,
Enfim te encontrei, ou tu me
encontrastes, nem sei.

Não é precipitado dizer:

Eu te amo,

Nem é carência, esse meu amar, engraçado, eu sempre te desejei, sempre estive a sua espera,

Até porque, minha cara,

temia em não encontrá-la. O tempo é veloz, ignora as paixões impossíveis, Querida, o tempo
não sabe brincar, de ser bom com a gente.

Abraçadeiras

Abraçadeiras

Menina bonita, me de um afago

Menino bonito, me abrace também

Vamos nas casas dos vizinhos

E de longe simular abraços

Abraçamos a paz

A paz é tão linda, e tímida

Temos que agarra-la com força

Sem machuca-la, é claro!

E...se abraçarmos a tristeza?

Ela ficará feliz!

No fundo, ela é carente, ou quem sabe,

prefere o frio, Não importa!

Vamos abraça-la, assim mesmo.

Hoje quero um abraço universal

Ricos, pobres, gente de todas as cores, todos sem exceção,

sintam-se abraçados, beijados e amados

Nada de intolerância, nada que enfraqueça, este tão necessário abraçar

Se preciso for, abraçamos a intolerância

Hoje ninguém será esquecido

Não aceitarei que nenhum abraço seja abandonado no meio

do caminho.

Até que...

Até que não me procures mais
Até que a tristeza se apodere
de toda minha existência
Até que não veja mais seus olhos
Até que padeça pelo mundo a vagar

Até que me beijes loucamente
Até que a tempestade não cesse
Até que retornes do almoço
Moça, se com fome és bela
Imagino alimentada, o quão bela ainda mais tu serias

Até que digas que me ama,
com certeza definharei
entre um hiato... e outro
Morrei as minguas amor da minha vida
Enquanto você segue plena e alimentada.

Eu te amo

Olha, talvez você não tenha
a exata dimensão
do quanto eu te amo
Aos poucos vou expondo a emoção, tento manter os pés no chão, o chão é frio, é equilíbrio é a
própria razão
Só nos seus braços, repouso,
Alívio o cansaço, enfim descanso, fluo como água no regato
até a primavera, se partiu em flores
Num intenso combinar de cores
Trazendo os pássaros, e as mais belas canções, o amor tem feito coisas em nossas vidas, esse
amor me faz chorar, e esta vida, como faz surpresas, és tão bem-vinda, vida minha
Pinte quadros abstratos em nossos corações, se possível!
Vai amanhecer meu amor, e lhe digo foi intenso, e efêmero, esse desejo até me satisfaz
Fecho olhos e deixo a vida acontecer
Meu coração quer mais
Enquanto brincamos neste carrocél,
Penso, talvez a vida cansou da nossa fragilidade, e sopra em nossos ouvidos, viva a plena
felicidade
Dizer eu te amo, me trás contentamento
Estava represado em açude
tal sentimento
Me perdoe, se tudo é tão clichê
na camiseta trago seu retrato
Com as garrafais, Amo você
Eu confesso, até tinha me esquecido,
Como é importante amar
Fazer sentido, achar na ilha o tesouro escondido.
Então agora posso expressar; serei prudente, talvez ainda arrisque conjugar, estava em transe, e tu
distraída exitava no intransitivo verbo amar
Sem pressa, sem medo,
sem salvos enganós,
com borboletas no estômago,
digo: Eu te amo
Eu te desejo tanto

Meu enternecer
de suave aroma e puro encanto

Inconstantes...

Vejo no todo, do quase nada que possuo, um leque de possibilidades
Nas varetas mestres deste leque, sua inicial não está
Mas quisera eu que estivesse.
Astros se esbarram em manobras involuntárias,
Quase se beijam de tão próximos
Enquanto meus pensamentos confusos,
Quase sempre; pensamentos tolos
Quisera que fossem de amor,
mas são apenas devaneios tolos.
Causa-me tristeza
A ideia de perder-te
pela minha escassez de conhecimento
E no mar de inconstância
Navego, sob intensa tempestade,
navego a deriva e sem estrela guia.

Senhoras das horas, dai-me a luz!

Senhoras das horas
De todas as horas
Me indique o rumo
que devo seguir
Senhora das horas,
madrinha do tempo
Tão linda, tão bela,
domina o vento.
Vivi em seu ventre
Suguei seus nutrientes
Bebi do vosso leite
És o tempero da vida,
Então azeite-me!
Em tempo fecundos
araste a terra
Povoaste o mundo
Senhora das horas
das horas infindas
Dai- me a luz
Farta-me, de luz.

Para a bela que partiu para Além-mar.

Esta poesia é dedicada a nossa grande amiga colibri, Maria Vitoria Dorta, pela data do seu aniversário.

Oh, minha bela que se encontra
em além-mar! Levaste contigo,
meu coração, para outras, eu
não mais amar!
Oh, minha amada
Tens a beleza da rosa
Faz tempo que não te vejo
Sofro na internada
minha dor é volumosa
Tem a extensão do Tejo
Sei que estais feliz
A desfrutar vossa vida
Tão generosa e boa
Desfila por entre Camões e Pessoas
Degustando vinhos e queijos
No torrão que nos deu Lusíadas
Enquanto, eu cá padeço,
Na ausência de seus beijos
Segue a vida por um triz
Amar, tem lá o seu preço
Sigo eu com os colibris,
Sentimos saudades de ti
Daqui das Terras Brasilis
A tristeza é tão premente
Fugiste da minha órbita
Se possível, responde urgente
Para o moço das terras incógnitas

Deslembados desejos...

Ouvindo desejos...
Quantas vezes desejei
Algo ou alguém
Não era desejo, cobiça talvez!
Ouvindo desejos...
Lampejos de uma paixão
Vontades de quem ama
Pura sofreguidão
Desejos de beijar a vida
Em ávidos sentimentos
Caminhar de mãos dadas
nas vagas do tempo
mãos seguras e comprimidas
Ouvindo desejos...sigo
Ao encontro dos seus anseios,
querida
Ouvindo desejos em volume baixo
Quanto mais me distâncio
Avisto apenas fogo-fátuo
Acredito que nos descaminhos,
eu me acho

Ante meus olhos, seus lábios,
Em sonhos, eu os beijo
Oh, doce quimera!
Dos utópicos enlevos
que eu jamais me aparte dos pretenciosos desejos

Poetas brilhantes

Quando a missão é agradável

Não se torna incumbência

Falarei destes imortais,

com zelo e veemência

Cada um no seu estilo

e primorosa grandeza

Com mestre Olavo aprendi

apreciar as estrelas.

Ah, mas ainda há tantos, bem sei!

Com Casimiro descansei,

na minha infância brejeira,

ainda sinto o frescor da sombra,

e o sabor do fruto da saudosa bananeira.

Dos feitos destes poetas,

jamais me esqueço,

e nem me afasto

Vou falar do jovem Alves,

cujo primeiro nome é Castro,

e para a família, carinhosamente, Cecéu!
gondoleiro

Fora tão cedo para o céu,

nosso poeta

Ainda choro no convés

do seu "Navio negreiro".

Tantos brilhantes vates já surgiram, neste vasto mundo de Drummond
Clarices e Cecílias ungidas com este sagrado dom.

Os poetas do porvir,

As folhas de relva,

A canção de mim mesmo

Alcançaram o infinito,

Comoveu uma nação

Saudemos Whitman

Oh, meu Capitão!

Saudemos todos os bardos

Oh, meus Capitães

Todos vós, sois minhas inspirações.

Picolé de arroz doce

Sorvete é bom
da Yopa ou da KIBON
Mas quem nasceu primeiro,
O sorvete ou sorveteiro?
Esta pergunta
não demanda resposta,
Será que existe alguém,
que de sorvete não gosta?
Sempre fui um moleque
esperto e arteiro
Meu melhor amigo era
o filho do sorveteiro,
Estávamos sempre juntos
Igual mussarela e presunto,
No campinho, ou na praça
Alianças eu fazia
pra chupar sorvete de graça
Ah! O tempo e seus sabores,
gelados de várias cores
Se criança eu fosse
iria me acabar no picolé...
de arroz doce.

Mulheres em flores

Quem ama as flores,
vê a vida mais bela,
Lucita, Emarilaine, Vitória, Neiva,
Edla, Geralda, Cláudia Casagrande, cultivam flores
tecem flores no entardecer.

Mulheres tulipas,
como são lindas!

Mulheres orquídeas,
negras e niveas,

mulheres azaléias,

Mulheres amarílis,
maravilhas de mulheres

em coral de flores transcendentais,

Todas com sabores de sabedorias,

São donas de casas,

professoras, pastoras, advogadas, garis
universal

Mulheres poesias,
mulheres em flores,
de imensuráveis valores,

Exalam perfumes,
perfumes do céu,

Suaves odores que inebriam,
eu e os meus

Cultivam a vida com elegância

Faz jus a fragrância

Presente de Deus

São jovens, velhas, brancas, sábias,

Minha bílis e eu

Nunca fui de reclamar Ou ficar entristecido
Pelos cantos
Encaro a realidade
Saio na porrada com ela
Se for preciso
Esse sou eu.
Você é ruim,
A ruindade mata
Logo, cuidado!
Por esta premissa
Todos morremos
Devemos avisá-los
Ou deixamos o fator surpresa agir
É a vida... é assim que
A coisa anda.
Ao longos dos anos
Eu mudei
As coisas mudaram
Vivo meu tempo
No espaço tempo contínuo
Passado, presente, futuro
Sou contemporâneo
Oriundo de gerações esquecidas
Onde cultivávamos um refinado
Ritmo musical.
Eu sou osso duro...
Minha bondade aparente
Minhas falsas Palavras
Os desejos suicidas
Aquelas noite de orgias
Bacantes
Permaneceram na parte frontal

Do meu oxidado cérebro.
Como esquecer, seu rosto
Meu estilo, o mal gosto
Que doido... eu te amei
Hoje eu sei...era fake
A família, os amigos
As noites, as borboletas
As guimbas de cigarros Descartadas nos cinzeiros
As toalhas de banhos
Nada era new
Naqueles dias
De fantasias e flor de lótus
Tudo era fake.
Minhas pupilas de polianas
ignoraram os sinais
Então eu me Full dear
Por completo
E redundantemente.

A bela em azul

Um olhar quase às cegas
Sobre a bela que se vai
Por ela, eu conto as estrelas no firmamento.
Olhando a moça que se
Distancia cabisbaixa
Levando meus desejos inconfessos e ingenuos
Como as tardes de verão
A bela segue, toda alva e solta em roupas leves
Usa vestes ainda não tocadas.
Em pensamentos, de vergonha
eu me coro
uso ervas e unguento de benzedeira para baixar a febre
A noite toda delírios
Seios, coxas e dorso
Nem sei aonde estou.
A mão materna toca minha testa
E atesta, meu Deus, está se definhando por amor
Então é isso? Porém continuo inerte
Passos largos, desprende um aroma
De flores, as flores me assustam
O corredor me provoca calafrios
A bela está de azul
E isto também me incomoda.
A casa está cheia, todos falam baixinho
Estou indiferente a esta movimentação
Só a bela me interessa.
Mas o azul...ah, esta cor azul
Outrora rendera tantas poesias
Se pudesse diria: Dispa-se
Mostre-me a face da pureza
Da inocência, Oh, bela deixe-me
tocar, na sua intocável beleza.

No outro corredor, a bela passa

Sentidos...

Quando algo tem início
Seja ele o que for
Sempre parece propício
A nada nele se opor
Porém ao longo dos dias
Passando desse algo a euforia
Acaba a delícia do "início"
E ou se termina
Ou vira vício
Pois, por não desejar
Requer esforço, ou sacrifício
Então há razão para o acabar
(Lucita)

Nada há, sem aparente motivo
Para que manter algo inútil
Se não há mais sentido
Sentidos crescem à vida sabor
E se jaz insosso, não dá
Falta calor e tempero do amor
Sentidos, são como sementes
Cultivamos, tornam-se frutos
Se adormecem, tornamo-nos carentes...
(Ema Machado)

Acalma-te coração
O amor desconhece a razão
Temos muito a comemorar
Beber, ouvir, cheirar, tocar
E nos beijos
Privar os sentidos
num quase apagar
Que não me ausente os desejos
Na volúpia de te amar

Dizer que algo não faz sentido
Me pego a pensar
Tenho um coração pulsando
Porém os olhos em frenéticos rodopios
Orbitando seu olhar
Dizei-me, tresloucado amigo;
amar faz sentido!

(Shimul)

Sentidos
De tudo o que quero dizer
Qual pulsar
Batidas do coração
Qual razão
De se seguir a direção
O sentimento
Sem placas de indicação
O sofrimento
Tema de uma canção
Qual sentir
Fazendo todo sentido
Qual sentido
O sol sempre surge ao leste
Qual norte
O sol sempre busca o oeste
Uma sorte
Carência de uma cognição
Qual morte
Além da minha compreensão
Qual o sentido
O signo significa
O sopro dignifica
Qual vida
(Hébron)
Não chega a ser novidade, confesso
Nós sermos regidos pelos sentidos
É a pura verdade desde tempos idos

Com a visão, faço do mundo meu Universo.

Com os 5 sentidos somos deidades

A visão nos abre o mundo, verdade.

Mas a audição me traz sonoridade

A voz amada traz perenidade.

Cada povo tem seus usos e costumes

Tem sua própria culinária

Com o paladar, vamos saborear lá.

E é com o olfato que começamos.

A visão do amado nós é pouco

Há um ímã: precisamos do contato louco.

Que seria do Amor sem o tato?

(Maria Dorta)

Foi então que a vida me sorriu e pude perceber

A beleza inserida em todas as coisas existentes nesse mundo de riquezas

Sim! Contemplar avidamente a inteligência "Divina" e à ela pertencer

Sentidos! Ah os sentidos, sentidos que me levam para dentro de mim mesmo!

Ao sentar-me no alto da colina para ver o pôr do sol

Quando sutilmente esvai-se a luz do dia escurecendo a noite para o brilho das estrelas

Na hora em que me levanto para n'um novo dia ouvir o gorjear dos passarinhos pelos ares voando a esmo

No doce sabor do Mel silvestre sobre o pão, alimento obra prima das abelhas

Ao caminhar no belo bosque pela tarde inalando o perfume das raras fragrâncias Tocando com as mãos o tronco robusto do centenário Jequitibá e com pés descalços pisando suas folhas

Sentidos me fazendo a vida sentir, me emocionar

Como uma escada levando minh'alma para o céu

Mexendo com meus sentimentos para agradecer à vida! E se sentir, e se amar.

(Cláudio Reis)

Sentidos...

O que faz sentido na vida

Quando a esperança é perdida?

No silêncio ouço meus gritos

A se desculparem dos delitos

Então me peço calma

Arrebatada a alma

Em vôo à nuvens de ilusão

Em busca de inspiração

E me vejo com olhar de rapina
Pairando em vales e colinas
À procura de mim
Num labirinto de um grande jardim
Sem que eu possa entender
E a mim mesma sobreviver
Pego meu eu e o levo ao paraíso
Tateando todo o universo
Em paisagens de tons diversos
Meu corpo sente o amor
Tenho perfume de flor
E meu paladar é de tinto vinho
De uvas pisadas no caminho
Das ilusões e desilusões
De porquês e senões
O que faz sentido na vida
Se não tem muito sentido a própria vida?
São todos os sentidos, por mim sentidos...
E bem ou mal, vividos...

(Edla Marinho)

Um desejo particular , sentido na vida se encontrar ...
que a morte não anele todo esse
tempo permitido para o verdadeiro sentido , o viver de algo bom !
E que venham as retinas brindarem de felicidade, o brilho e as cores nunca encontradas
E o paladar possa sorrir , diante da fome acalmada ,
E num universo de desejos...
possa dar sentido à vida, realizar .
O que mais dá verdadeiro sentido à vida:
É deixar de ser na vida mero estudante,
E brilhar!

(Corassis)

Sentidos...
Em meus sonhos... há desejos!
Desejos de mudar os meus sentidos
Ainda que o amor sofra desilusão
Deixo-me pausar por algum momento a razão

Mas fortaleço a alma sem omissão
Vou alimentando minha querença
Onde há amor, há esperança
Sonharei de coração afável
Na mais linda composição inefável
... E nesse sentido eu contemplo
O amor lapidável.

(Ernane Bernardo)

Sem ti, não há sentido
Sentir é vida em meu coração
É alma que acalma
Sentir é encontro
Sentir é dor, alegria
É esperança e presença...
O sentir faz sentido
É tudo que me cerca
Sinto, percebo Tua presença
Quando não sinto
O Teu sentir
Nada mais faz sentido.
Sem Ti...Falta- me o ar...
Pois és minha brisa suave...
Sentir faz sentido, sentindo sua presença.
(Neiva Dirceu)

Sonhadora de longas madeixas

Invente uma língua
Para falarmos sobre
coisas corriqueiras do amor
Promova um baile na corte
Chamarei alguns escudeiros
E camareiras para participarem
Ah! Sabia que este amor mexe comigo!
Não queria ficar arrogante assim
Não queria amar tanto assim
Faça-me um mimo,
sei que é capaz
Conquiste uma ilha
Passaremos as férias de verão
Neste paraíso tropical
Enquanto estiveres a caçar javalis
Uma nativa insularis
fará trança em minhas madeixas.
Invito a desbravar outro planeta
Faremos família, vila, cidade
Seremos Adão e Eva,
Olha que responsabilidade,
a nossa, povoar o mundo!
Seremos gregos, romanos,
cristão, mulçumanos, judeus
Construiremos nossas civilizações
Escreveremos nossas histórias
Tudo causa e efeito do amor.
Este nosso amor é oriundo das Primeiras formações de átomos
Para mim, você é a luz das estrelas
Você é o meu pálido de estrelas.
E se...cavarmos um buraco
Bem fundo
Até tocar o centro da terra

Ficariamos escondido neste infero, trocando caricias e alimentando
animais mitológicos
Talvez, não seja uma boa idéia...
Mas promete, vida minha
Que pelos menos
Vai pensar sobre
Beijos, te amo!

O Cavaleiro e a Donzela

Seu dia é repleto de afazeres
Verseja, atende e dança
Adepta a leitura
Além de linda, uma meiga criatura
Minhas mãos em tecituras
Para ti, teio versos
De esmera urdidura
Ah, mas pobre de mim!
Que na cercanias de seu castelo
Vagueio, rondo
Sou um mero vagabundo
Nada tenho, só componho
Conto com Deus em sonho
E sigo a cingir os lombos.
(Shmuel)

Olhos que espionam
Admiram desejam
Essa mulher idealizada
Multifacetada
Sonho de amor, romance
Busca incessante
Dos olhos ardentes
Dos pensamentos picantes
Almas se buscam distantes
Apostam ser a sua metade
Nos versos que surgem, aparecem
Palavras, sons, metáforas
Poetas, homens mulheres
Buscam abrigo enquanto escrevem.
(Barbara Guimarães)

Nesta busca incessante
Tua imagem em mim se ressalta

Nesta doce loucura Cervantes

Até dos temidos moinhos, sinto falta

Eu, o alucinado cavaleiro, confesso

Sem amor e aventuras

Para minha modesta vila regresso

**Se me privam as emoções, Em clara decisão reintero, Entregar-me as desventuras
não quero.**

(Shmuel)

Sempre haverá o amor

Sua busca é uma aventura

Na vida dos cavaleiros

Que armados, desejam salvar as donzelas

Hoje, elas estão armadas e diferentes

Independentes, elas se salvam

Procuram um amor, para amar

Não precisam de cavaleiro salvador

Para amar, as armaduras devem tirar.

(Barbara Guimarães)

Caridade

Santa Caridosa
Prima - irmã da bondade
Valei-me da caridade
Olhai para os desprotegidos
Desalentados nesta cidade
Faz frio nesta estação
Quisera Deus que hoje
Fosse início do verão.
Minha cara, a caridade
Hoje não permite rima
Apenas se anima
Servindo chá e sopa quente
Aquecendo o coração
Desta tão sofrida gente.
Então eu sairia noite adentro
Cobrindo o povo ao relento
Pobres irmãos, sem rotas e sem roteiros
Inventando histórias de vidas
Dessas que passam na televisão.
Quisera Deus que hoje fosse início
do verão.

Amigo estou por aqui...

Amigo é um sentimento nobre
Não é privilegio de rico
nem de pobre
Amizade é chama que propaga
É universal, é o sabor da vida
É o sal.
Eu tenho tantos amigos
E tantos quero mais ter
Nesta corrente de bem-querer
Se... um amigo é legal
Imaginem um milhão
Irmanados em canção
Ter amigos é uma bença
Sem política, sem crença
Amigo é maçã polida
Sem reservas, sem ofensas
Amigo é porto seguro, é guarida
Não precisa ser perfeito
Honesto, um bom requisito
Relevo se for esquisito
Se tem respeito eu prezo.
Viver sem amigo
É somar nada com zero.

Escolhi um amor assim...

Quero um amor pleno
Que floresça no silêncio
Sagrado de quem tece vidas
Um amor com raios de sol
A liberar brilho em seus cachos
Um amor que alivie a sede
De desertos inteiros
Não quero egoísmo
Vislumbro o paraíso
E folhas tenras de figueiras
Viçosas, saudáveis
A cobrir nossa inocência
Quero um amor que chore
Todas as vezes que eu parta
E na volta, se farte no
contentamento em rever-me
Quero um amor impávido
E que goste de caminhar
E se atreva em vôos alados.

(Shimuel)

Escolhi um amor assim
Para ti...
Livre como pássaros no céu
Com verdade e saudade
Longe do breu
Onde tudo é brilhante
Mesmo que estejas
Distante
Somos como Almas
Errantes , de amor
Agonizantes
Sem o tempo de antes,
De compromissos

Adiados, e de esperas

Cansados.

(Helena Rodrigues)

Se escolheste um amor assim

Da-me este amor de pressa

Pois sinto frio na ausência

deste sentimento

Aqueça-me com seu olhar

Hei, vamos imitar os pássaros

E voar em busca de nova estação

Não, não olhe para trás

Não esquecemos nada

Avante! Após as montanhas

O amor repousa.

(Shimuel)

Não, não vou olhar o passado

Vou num passo acelerado

Subir uma montanha

Ou um mar vencer a nado

Atravessar um deserto

Num acto desesperado

Quero este capítulo fechado

E ver, o que me espera

E, repousa do outro lado...

(Helena Rodrigues)

Uma colibri repleta da graça - Para NeivaDiceu em homenagem a seu aniversário

Obrigado, minha amiga
Por toda poesia
Por esta fé firme e devoção
Agradeço tua presença
Neste convívio amigo
E que as belas palavras
Jamais se escassam
És nossa colibri
Generosa e coberta da graça.
Parabéns, querida e nobre amiga,
NeivaDiceu - Os Colibris te abraçam

A Inspiração e o Verso - O monólogo da mãe

Inspiração e o Verso

Pedi ao universo

Que fosse tutor do meu verso

Pois o menino tá crescendo sem pai

Na rua sofre esse tal de bullying

Mãe, tu só tem uma

Pai, tem até demais

Eu digo muleque não ligue

Deixe de ser relento, não brigue

Quem é que lhe dá carinho

E lhe passa Linimento

Nunca lhe deixo sozinho

E lhe trás o alimento

Sou eu tua mãe!

Tome tento

Deixe de teimosia

Conclua aquela poesia

Se não vai levar peia

Ou secar louça na pia

Tenho que ser dura

Pois tu nasceu preguiçoso

Não é chegado em leitura

Mas é bom de rima e caprichoso

Nessa casa tenho que ser

homem e mulher

Pois tu só funciona quando quer

Tome tenência abestado

E rabisque uns lés com crés

Eu sou doida, e tu é danado,

feito o cão

Não se preocupe, não

É só excesso de zelo

Já é um cabrinha com pelo

Logo cai no mundo
E eu fico só novamente
Mas lhe digo; não dou ousadia a vagabundo
Que já tem todos os dentes.

Cirinho, meu genitor

Cirinho, meu genitor
Meu pai, quantas saudades!
Seu Moacir! "Cirinho" Assim era chamado pela família
e por alguns amigos
Homem honesto, modesto
Levantava cedo, sem preguiça
Conselheiro, de fala tranquila
Meu pai, quantas saudades!
O sorriso tímido, um olhar terno
Sempre orgulhoso dos filhos,
dos netos, dos sobrinhos
O marido da dona "Carminha"
Apaixonado por macarrão
Apaixonado por Guaratinguetá
e Aparecida
Bom de papo, gostava de gente
De assistir o programa do Raul Gil
Sábado a tarde
Homem educado, sério
Foi uma honra
Tê-lo em minha vida
Meu exemplo, meu espelho
Contigo tantas coisas aprendi
Me perdoe pelas falhas
Que hoje tento corrigir
Seu Moacir, meu genitor
Sou tua ovelhinha,
Meu mestre, meu pastor
Meu sábio encantador

Um amor só meu

Um amor só meu
Sonhava em noites perdidas
Entre estrelas solitária
Um belo amor encontrar
O universo me ignorava
E com capricho ou deboche
Parece que ironizava
Quem quer amor vai buscar
Os anos seguiam calados
Meu coração vivia romances
Fragilizados
Pensava na busca, faltava-me Bússola
O corpo cansado, os pés em frangalhos
Exaurido, pensei: Vencestes!
Padecerei sem amor
Por ali permaneci
Eis que amanheceu
Abri olhos e te vi
Na hora reconheci
Não fiz perguntas
Ficamos juntos até o fim
Dos tempos
Andamos de mãos dadas
Conheci os seus amigos
Jantamos, tomamos café juntos
Depois andamos na orla da praia
Não era tarde, nunca é tarde
Estamos vivos e felizes
E eu...vivendo este amor
Um amor só meu

Um mosaico chamado saudades

Um mosaico chamado saudade

By: Shirlei Paiva

Existem, saudades que não se Apagam, ah, não se apagam, não

A cada tempo, elas se renovam, pelos bons momentos , que foram Criados e jamais esquecidos.

Para o sorriso rasgado

O abraço apertado

O bom almoço de domingo

As visitas inesperadas

O corre corre das crianças.

E neste novo tempo, apenas quero Ter a doce sabedoria da compaixão Para não perder a chance

De aproveitar direito

Cada momento que me quiserem

Fazer companhia de toda alma

e coração.

Ah, saudade do tempo terno,

Meigo, e por vezes extremamente Solícito, que não me dava a chance De sentir, nenhum tipo de emoção

Porque todas as saudades futuras Estavam sendo já supridas

Naquele momento.

Saudades daquelas vozes

Falando ao mesmo tempo

Buscando com diversos

Olhares a minha pequena atenção.

Algumas saudades ainda consigo Fazer valer o tempo perdido

Outras, outrora já se foram

Dessa terra de submissão.

Ah, saudade, se eu pudesse voltar

No tempo, jamais perderia tempo

De ter aproveitado melhor

Cada pedacinho de cada momento.

Escrito pela minha prima amada - Shirlei Paiva

Em uma bela manhã de domingo...me findo feliz!

Foi sim, em uma manhã de domingo
Que esse fato teve seu
intento ocorrido
Quando o mar, na sua grandeza
Quebra suas ondas na praia
e me diz
Como sou pequena!
Sim, foi de manhã!
com um lindo sol
um pouco tímido
Até tivemos a companhia da
chuva que caiu sobre nós
Seus pingos macios e frios refrescaram o calor.
Mas, ainda não acabou
Do nada como se diz
um grito se ouviu
E o pé da donzela sacudiu
uma doce abelha que
ao beijá-la empolgou-se
e seu ferrão a feriu
A donzela triste, sentiu
e chorou, ainda não acabou...
(Bárbara Guimarães)

Caminhando, e a sua beleza exibindo
Numa bela manhã de domingo
Meu bem-querer sofreu um ataque suicida
Uma abelhinha, vida Loka
Quis sentir sua tez na boca
O pobre do inseto deu cabo a própria vida.
Meu amor se culpou desta pequena vida ceifada
Sobre o meu padecer, meu amor não disse nada.
Pelo infortúnio da abelhinha, eu sinto

O meu fim, será ao dela parecido, pressinto!

Neste ataque suicídio

Nesta investida vã

Eu o amante enlouquecido

Sinto da tua pele, o gosto

Doce do veneno sorvido

Feliz, findo nesta manhã.

(Shimuel)

Úmido

Meu coração desidratado
Vagueia sem viço
Percorro estradas
Evito coisas e gente
Conduzo um corpo cansado
Uma boca cerrada, salgada.
Em mim, onde habita o belo?!!!
Eu só faço olhar, as coisas que se movem
Com este meu olhar frágil
Sou presa abatida
Me abrigo em tocas
Na verdade sou caverna
Um caramujo depressivo.
Quem sabe um dia
Me adapte a densa floresta
E por entre as árvores gigantes
Vislumbre tímidos raios de sol.
Poderia neste ambiente
Úmido e limoso
Brotar um cogumelo!
E curar -me as mazelas
Não sei...

Filhos, um legado de amor.

Tenho três filhos
Um que brinca no céu
Dois que moram na terra
Aqui neste planeta mesmo
Onde os pais também habitam
Sim, são três filhos
O que está no céu
Para sempre será criança
Sabe aquelas crianças
De cabelos encaracolados
Pois é assim que são os anjos
Marinna, com dois "enes"
Filha, perdoe o papai
Neste mundo um pingo
já é demais
Minha riqueza
Moça reta, honesta
Mas não escreve poesias!
Nem precisa...será!!!
(Shimuel)
Cecilia Ariela, delicada
Figurinha difícil de se encontrar
Oh, meu Deus, eu fui premiado!
Rara, e a mais importante ...
Em um poster de imagem bela,
Cores vivas, quadro imortal!
Eu consegui completar o álbum
Deveras importante da minha vida!
Eu fui agraciado
Filha dos meus sonhos!
Meu tesouro e querida.
Atendido meu apelo ,

Pelo Dono do céu e da Terra,
Meu Deus, eternamente obrigado!
Fruto de puríssimo amor,
Entre aconchegantes lençóis
Entre seres complexos
E em desenvolvimento
Tuas pequenas lágrimas,
Em pequenos frascos armazenei
Para transformar em
Um mais caro perfume,
Tão famoso, quanto a mirra
Que perfumou os pés de Cristo.
Meu aroma predileto,
Meu amor eterno.
(Corassis)
Sim como havia dito
Meu senhor
Tenho três filhos
Os guardo na memória
E no coração, sabia!
Samuel Filho, é a representação
Em matéria do anjinho
Aquele do cabelo encaracolado
Ele, é um garoto sensível
As vezes, eu o percebo
Um pouco triste
Sabe seu moço! Samuel é um
Garoto bom, respeitoso
Inteligente, e um tiquinho
preguiçoso no estudo
Coisa de menino
Tenho dois valores incalculáveis
Aqui na terra, são meus
E deste vasto mundo!
Se pudesse lhe pedir
Um favor seria: trate os dois bem

Implorararia para os dias que
sucederão a minha ausência
Peguem leve com as
Minhas crianças
Pois, eu os amo tanto
Nicholas, filho! Dai de cima,
De uma ajuda aos seus irmãos
Enquanto o papai faz check-in
Com este moço barbudo
(Shimuel)
Vinicius é o primogênito
O primeiro a ser amado
E será sempre
Enquanto a vida me der uma chance
Inteligente entre a geração Z
Hiper ativo , sempre fazendo
Algo novo inusitado:
Vinicius rima com ansiedade
Há muito diz que a minha geração Está em desuso!
Na infância, parecia que estava ligado no 220v
E persiste
Os cabelos brancos que não
Ofereci ao meu pai
Sobraram todos para este simplório
Progenitor
Sei que vai chegar longe ...
Em muitos aspectos já fui superado
Por ele
Vinicius, jovem com nome de poeta
Aliás nossos dois filhos: Cecília e Vinicius , foram homenagens
A poetas
Meu amado filho, às vezes me escuta
O amor tem este poder!
Filhos é como a invenção
Da penicilina
Uma cura que dói!

É que alivia toda dor
Um retrato eterno na carteira
Que nunca se desfaz
Meu filho , traz um sorriso cativante
E inconfundível!
Seus olhos brilho de diamantes.
Sua gestação começou no carnaval de 1997, é minha eterna felicidade
Meus filhos, retratos da minha vida.
(Corassis)

FLORES E ERVAS DANINHAS NO JARDIM

FLORES E ERVAS DANINHAS NO JARDIM

Não colheu flores noutra canteiro e mostrou como se fosse de seu próprio plantio; só andou noutras linhas onde a inspiração alheia lhe era referência de rimas e compassos, era só influência.

Sua alma, sem pedir licença, captou saudades e dores, colheu flores e espinhos, também as venturas de amores e escreveu suas linhas, por ignorância, inocente, sem saber que era pecado, ou crime de apropriação, ser influenciada.

E envergonhada, a si mesma prometeu ter mais cuidado e um olhar mais atento.

Há, porém, quem não plantou, mas colhe e replanta tal qual, ou enxertada, muitas flores em seu próprio canteiro, recebendo louros e honras dos verdadeiros plantadores,

Como se de suas mãos brotassem algumas flores.

Minha infância (Carlinhos, Nenê e Eu)

Minha infância
(Carlinhos, Nenê e Eu)
Éramos em muitos,
Mas hoje falarei de três
Carlinhos: Nenê e eu
Roubavamos amoras
e jaboticabas da chácara
Do japonês
Com direito a tirinhos de sal
De vez em quando um de nós despencava da árvore frondosa
Neste tempo, Deus já existia
para nossa sorte.
Futebol no campinho do lado
Sorvete de palito,
carrinho de rolimã
Calção encardido de terra
De tanto brincar nos barrancos
As briguinhas de rua
Principalmente quando
falavam da mãe.
Tarzan, Zorro, Ultramen,
Jeannie é um gênio,
Assistia na televisão alheia
Sim, naquele tempo
podíamos contar
com a bondade alheia
E ainda filava bóia
Na casa da Dona Luiza
Tantas Vezes me alimentou.
Carlinhos, Nenê e eu
Éramos como irmãos
O mais forte protegia
O mais fraquinho

E assim a infância seguia
Quando passo por este lugar
Ainda sinto a doce brisa
daqueles dias de menino
A criança em mim permanece
Num quartinho, cuja chave não
Me lembro mais onde guardei.

Mestres

Nas escolas tínhamos
Aulas de Educação, Moral e Cívica
E aulas de religião
Cantávamos o Hino Nacional
Éramos solenes e pequenos
Os mestres eram respeitados
Agradeço a todos professores
de outrora,
Anjos abnegados que jogaram claridade em meu grafite
Com suas cartilhas primárias
"Vovó, viu a uva", A bala, A bela"
Vivíamos em um outro mundo
Bem diferente deste
Como foi mágico, e suaves
Os caminhos,
há muito percorrido
Serei sempre seu bom aluno
O pupilo assustado
Com a tabuada ainda não decorada
Obrigado do fundo do coração
Aprendi muito com os senhores
Vivíamos em outro mundo
Bem diferente deste
Confesso, que o que sou hoje,
grande parte atribuo aos meus queridos Professores
Mestres, Educador, Orientador,
Preceptor, Titular
"Fessor e Fessora"

ANSEIO

ANSEIOS

Porque anseio viver em harmonia

Desperto sorrisos, afastam sombras

Pintam arco-íris de alegria.

Vida é rio corrente, não há repetência

Viver em plenitude

Sinto urgência

Planto flores pelo caminho

Uno-me a outros passarinhos

Em revoada versos fluem,

A poesia é melodia que nos alimenta

Satisfaz ao longo da estrada.

Ema Machado.

A vida em harmonia segue serena

Então que me venham as cantilenas

Em sons, em chilrear, em vozes e letras

Do sábio desejo a vivência

Da criança a inocência

Da violência, desejo a paz

Quero seguir em frente, em riste

A poesia é forte, resiste

Não retrocede, nem olha para trás

Vislumbro poesias nos muros

A poesia ditará as regras

Será a luz se opondo ao escuro

Quero em um caldeirão de letras

Fervilhar

Pouco anseio da vida

Mas em mim, é premente o rimar

(Shimul)

Nunca estamos prontos, mas esperamos

os gestos de amor,

Seja de quem for

As alegrias, sim
A harmonia dos ipês no jardim
A suave dança dos ventos
Nos deixa esquecer o tempo
Quero mais momentos assim
As flores, as cores, nada é vazio
Tudo tem seu por que...
Em tudo há sabedoria que comunica
Há vida que transborda... Doravante...
O tempo é feito de instante.
(NeivaDirceu)
Plantei flores pelo caminho
Seguindo um sonho...
Queria que você seguisse, um mar de rosas
Queria contagiar o mundo trilhando prosas
Voar como um passarinho
Num entusiástico passaredo contínuo...
Queria ver outras primaveras florindo
Queria ver você numa passarela de ipês, sorrindo!
Sobrevoar todo caminho ao sair do ninho
Espalhando pétalas de rosas pelo caminho
Queria ver o colorido das bougainvilleas
E suas pétalas ramificadas inflorescências
Ao amanhecer! Contemplar do meu próprio nichos
Queria versar sem sair do ninho.
(Ernane Bernardo)
Anseio viver por sorrisos
Olhar o mundo
Com olhos de esperança
Emprestar do arco-íris as cores
Para colorir a vida de cada ser
Que os passarinhos encontrem
Florestas e jardins
Para pousar e felizes entoarem canções em harmonia
com todas as flores
Quero versar amores e felicidade

Olhar o horizonte em tons de alegria
Preciso sonhar sonhos, mesmo em poesia
Deixar - me levar pela inspiração
De crianças em sua inocência
Que tem ao colo, gostosa dependência
Como passarinho que sai
Mas volta sabendo que sempre
Haverá lugar no ninho
Quero estar entre amigos
No ninho que me dá abrigo

(Edla Marinho)

Primaveril era a manhã nos campos silvestres
As cores das flores saltavam sobre o orvalho prateado
Fragrâncias diversas misturavam-se enibriando-me
Estava num sonho lindo sem querer acordar
Todo meu anelo de paz e de amor ali encontrara
Então despojei-me da matéria, liberei-me do plástico
Exercitei os sentidos! Emocionei-me, permiti
Conversei com as flores, cantei com os passarinhos
Deslocado das mesmices urbanoides foi que percebi
A natureza é esotérica e esconde as suas magias
Animais e plantas vivem na mais repleta harmonia
Igualmente aos poetas pertencem ao belo
Inspiram-se, criam! Fazem da vida poesia.

(Cláudio Reis)

Eis que sou um Beija-flor voando para uma nova casa
Um beija-flor de luz
Que traz no bico
Gotas de orvalho para brindar
Um novo amanhecer
Sou um filho confiante
Que esboça
transparência
No soprar do vento destilo o nécta das flores
E a frescura das águas cristalinas
Numa rara essência de um beija-flor

Transcendendo em amor
E o que trago a este meu novo ninho
São pétalas de rosas
Que fisguei num lindo jardim
Onde se concentram os mais nobres e belos colibris

(Geralda Figueiredo)

Cansado de cortejar a flor
Um colibri,desprezado, chilreou
disse seu desgosto a' flor que o esnobou:
_Vi tão belas flores, até a rosa
sempre a favorita, pra mim olhou!
Eu só tinha olhos pra te ver.
Magnetizado, sobre ti voltejei.
Inútil, meu melhor te ofertei.
De ti só indiferença ganhei!
Nem um olhar me dás! Indigno serei?
Por que teu pólen me negas, ó flor?
É tão incomum receber um não!
Logo daquela a quem dei meu coração.
Lembra_te que hoje és flor bela.
Mas o amanhã virá e te encontrará
A beleza perderás
pois despetalada estarás.
Eu seguirei voando, belas flores conquistarei.

(Maria Dorta)

Eu anseio a complexidade fantástica
Dos seres por ora mortais
Eu anseio que nas proximidades das coisas, aprender e respeitar um
Pouco mais da melhor essência das criações infindáveis de Deus .
Anseio também a liberdade do
sorriso fraterno e imortal
Que reuni pessoas tão queridas
mesmo tão distantes de mim
Pessoas eternas no coração
Anseio e encontro em algumas espécies humanas
Uma riqueza de humildade anormal

A amizade se faz tão bela!
Há pessoas que anseiam
O meu mesmo propósito que descortina
A anulações de guerras inúteis .
Neste sentido , viviam melhor os neandertais .
Porque estes sim,
Não possuíam toda tecnologia fria e violenta !
Que de certo incomoda muito mais.
(Corassis)

Disperso caminhar

Vivo por ai disperso
Muitas vezes me distancio
Mas estou sempre por perto
Na imediação
Sou mediano
Paisano, tenho um forte odor
Característico dos andejos
Não conte comigo,
Sou indeciso
Porém preciso,
Quando falo de montanhas,
penhascos, desfiladeiros

Por vezes me distraio
Com história de velhos
Sábios orientais
Outras vezes me encontro
Dentro de corpos estranhos
Sou hospedeiro, parasita
Pratico o livre canibalismo
Meus pensamentos tão fragmentados
Quantas vezes bagunço
Este quebra - cabeça
Monto, em seguida desmonto

Caminho sobre os meus pés,
Exauridos e indefesos
Estou sempre na caça de algo,
Ou alguém,
Também caço e persigo
pronomes neutros e oblíquos
Porquê os persigos... não sei
Talvez, por serem neutros e

Oblíquos, e invadirem textos
Alheios.

Sobre a lua

Lua bojudá
No céu a reinar esplendorosa
Lua de todos os mortais
De todos os bichos e vegetais
Amo-te, mesmo distante
Lua vasta
Que ilumina a densa floresta
Lua dos meus queixumes
Lua das marés
Dos sonhos e das quimeras
Protagonista, exibida
Inibidora de estrelas
Lua desvirginada,
Ciúmes de não ter sido o primeiro
A tocar seu solo, suas crateras
Lua platônica, imensa e luminosa. Louca, lunática
Perfeita para lobisomem, e afins
Lua do Brasil, das Américas, e seus bilhões de amantes
Lua do mundo todo
cortesã universal
Invasora de leitos, de igrejas, Mansões e casebres
Lua rechonchuda suspensa
No firmamento
Lua Nova, minguante, cheia
Lua linda, aja sobre mim, E Sobre todas as coisas boas e vis

Po-etarismo

Vou do lirismo
Ao ismo
Fora o aforismo
Tal pai, tais filhos
Que neste instante abomino
Não dou voz
Ao ageísmo
Sigo observando alguns "istas"
Nem adiciono na lista
Me causa ânsia
A ganância
E a arrogância destes "istas"
Só a amiga cida, traduz
Em dada circunstância
Minha indignação
Estou ficando velho e chato, amiga
Não falo mais com aquele cara
Obtuso e boçal
Um tal de Geno, Cida!
Só falo com o Albert
Cara inteligente,
Este sim é um gênio, amiga!

Vivendo entre colibris

AOS AMIGOS COLIBRIS

(SHIMUL /EDLA)

Vivendo entre colibris

Quando você vir um colibri

Quando você for um colibri

Lembrará das poesias

Lembrará dos dias que

Voamos alados

Ave tão pequenina e linda

Todos os colibris têm a sua história

Todos os colibris cuidam da flor

Que lhes pertence

Fonte de sustento

O néctar da vida

A ambrosia

Diminutos passarinhos,

Pequenos cavaleiros

Compartilhando sonhos

Em cálices de flores

Quem já beijou tão graciosa

Avezinha

E se enfeitiçou por sua rara Plumagem?

Perto dos colibris me sinto uma Bromélia apaixonada

Quero para sempre ficar exposto

A uma dúzia destes serzinhos

Sendo bicado, afagado

Quero viver juntos dos colibris

E todas as manhãs sorver avidamente raios de sol

Lucita, Edla, Neiva, Ema, Dorta, Geralda, Corassis, Cláudio, Jose Fernando, Ernane, Hebron e Shimuel, Claudia Casagrande,

Voem, pois voar é da sua natureza

Mas ao retornarem, não se esqueçam de trazer

Belos poemas

Inundem de poesias a floresta
Da vida.
(Shimul)
Toda vez que vires flores
Lembrarás por certo dos seres alados, coloridos
Que voejam por muitos jardins
São eles, os beija-flores
De muitas cores...
Pequeninos, ligeiros
Beijadores por flores seduzidos
Quando em bando,
São de amor embevecidos
Mas se ouvires falar de poesias
Saberás de onde elas vêm:
São expressões da alma
De seres abraçados num só abraço
Tecendo rimas no compasso
Da ternura e bem querer
São versos... são prosas
Num jardim de amizade
Embalados em canção de um só tema, a natureza própria da inspiração e emoção
São colibris de plumagem diversas
Unidos num arco-íris permanente
Eles sabem o que sente
Um passarinho que volta ao ninho
Por isto, a ele se faz festa
Dançando ao som
De notas tocadas em poesia
Somos este festivo bando:
Ema, contagiando com sua declamação, pura emoção
Neiva, em rimas de fé, de mãos dadas com Lucita, alegre guerreira;
Maria Dorta (Vitória) faceira, mudando a história;
Geralda, recém chegada, empolgada;
Hébron, menino poeta, de linguagem tão certa;
Ernane, dominando a poesia e imagens;
Corassis, em timidez fazendo proeza, com certeza;

Cláudio, todos os dias, saudando com alegria;

Shimul, sempre pronto : "eis - me aqui"

José Fernando, de volta ao ninho

Cheio de atenção, esse passarinho!

Grata sou por pertencer ao bando destes pequenos passarinhos, os colibris, embriagando-me de tanto amor, néctar de flor e versos.

Assim vivemos, voejando abraçados

Enamorados, ganhando os ares Perfumando o mundo com o aroma suave da alma exposta em cada poesia desenhada pela gloriosa inspiração, essa é nossa missão!!!

(Edla Marinho)

O dia da mula sem cabeça

Hoje se comemora o dia da mula sem cabeça
Coisa horrível esta maldição
Que sobre essa moça se abateu
Se encantou pelo padre
E veja o que sucedeu...
Agora ela cavalga.
Para cima e para baixo
Sua cabeça é uma tocha
Quando esfria virá rocha
Ela ronda a igreja
Para que o padre assim a veja
Com a cabeça em combustão
Pois fôra ele o causador
Desta espontânea ignição.
sem cabeça
Tal sofrimento foi em demanda do amor
Quantas mulas sem cabeças
conviverão com esta dor
Por isto que neste dia
Exalto a pobre equina em chama
Dedicando-lhe esta poesia

Pobre mula

Você...

Teus olhos em meus olhos
Vontade de nunca mais dizer adeus
Seus abraços em laços
Sútil prisioneiro seu, serei
Seus beijos
Seus toques
O tempo congelado
Em pote de cupuaçu
O universo em expansão
Expandindo noite e dia
E voce calma, em exata respiração, como se nada se movesse ao seu redor
Ritmos e frequências cardíacas
Traduz sua elegância.
Orquestra afinada
Habitando em nós
Sua fala
Seu sorriso
Sua dança
Prenuncio de susurros
Essa sede, esses desejos
Vem em cascata
Em água pura de beber
Abençoada, iluminada
Você nua
Tão bela
Tão meiga, e tão fera
Adocicada, e carnuda
Feito polpa
De fruta colhida
Na mata, dito isto
Viverei para sempre.
com um sorriso estampado
Você... é tão bela

O mundo até vale pena
O mundo é lindo
Teu corpo, meu santuário
Minha rua, minha estrada
Onde caminho sem medo
Sua boca, em minha boca
Quem precisa das palavras
Eu, só preciso da quentura
Da sua tez
Dos seus olhos fechados e fecundos em pensamentos
Preciso do seu hálito febril
Preciso estar
Em você
Entrar em seu templo
E me deslumbrar ouvindo
Os cânticos gregorianos

Somos todos poesias

Poesia é imagem
A moça na janela
O trem passando
Os queixumes, o contentamento, e o descontentamento
de um grande amor
Poesia é frase repleta de sutilezas, ou não
Poesia contempla o pintor
E a pintura Poesia é o jardim
com suas variadas flores e ervas daninhas
Poesia é alvorecer
Todas as estações
Com suas, tarde ensolaradas
dias frios, chuvosos, noites estreladas, céu cinzento
Você não entende isto!
Poesia nasce na alma... No desespero
Vem do coração,
Poesia é uma amiga, ou um amigo
que vez, ou outra nos visita
Você jamais vai entender!
Poesia por vezes dispensa técnica
Ela quer ser livre
sem padrão estético
Quando pensamos a poesia
Ela é turrona
Não sai assim do nada, do vazio
sua extração, as vezes não é normal
Recorre a prática fórceps,
As vezes faz provocação, fica ensimesmada
Por dias, meses, anos ali no limbo
Por isto não jogo palavras ao vento
Espero por ela, fico a seu Bel prazer
Paciente, sem pressa

A mercê dela
Enfim, se hoje não teve poema em papiros
Tudo bem! Não se avexe,
Eu te asseguro
Em algum instante teve poesia
No banho, ao se despedir de alguém
No sorriso dado para o motorista do coletivo
Na fila do mercado
Na volta para casa
Na recepção do cachorro
Dos filhos, da esposa
Hoje teve poesia, sim!
Poesias que ficaram na fila de espera dos pensamentos
E a gente nem se deu conta
Do grande poeta que somos.

Visita surpresa....A Tristeza

Hoje a tristeza veio me visitar
Ponho minha melhor veste
E vamos se aproximar
Preparo um café bem quente
Pra nós dois tomar
Tristeza tem suas manias
Evita companhias
Nem gosta de prosear
Eu sempre puxo assunto
Pra ela se soltar
Não fala de felicidade
E nunca sorri
Senta de pernas cruzadas
Não usa decote
Ou coisas assim
Tristeza, nunca é bem-vinda
Mas hoje ela é visita, eu, anfitrião
Tenho que fazer as honras
Afim ela é uma dama
Apenas observa, de nada reclama
Esboça algo inaudível sobre solidão
Elegante, se levanta, sem beijinhos na despedida
Sem abraços, nem aperto de mãos
Confesso, fico feliz, quando ela se vai
Digo, em voz baixa; bye, bye tristeza... não precisa voltar
Me valendo de uma velha canção

Eu nunca disse, eu te amo.

Eu nunca disse, eu te amo
Salvo os enganos
Quando me equivoquei
Vejo da janela
Você sumir no horizonte
Parece que foi ontem
Na explosão, escombros me tornei
A noite vai, me entristeço
Troco o endereço
Pra não me achar
Penso em longas viagens
Falta-me coragem
Como fui covarde
Por não te amar
Meu amigo tempo
Entende minha dor
Sabe que fui tolo
Joga ao meu favor
Eu nunca disse, eu te amo
Em todos esses anos
Como vou me explicar
Falta a palavra exata
O nó que desata
Coisas que não aprendi
Mesmo nos tropeços
Não sou bom em recomeço
Peço que reconsidere
Por favor espere
Preciso melhorar
Eu nunca disse, eu te amo
Está em meus planos
Só basta falar

Um poeta zombie

Dos olhos do poeta
Brotam poesias
Que acalentam corações soturnos
Sonha com estrelas esquecidas
E rios que nunca existiram por aqui
Constrói coisas que a mente
Rejeita
Faz de gotas isoladas
Lindos corações pulsantes
Ama na incrível velocidade da luz
Percorre mundos alados
O poeta é um Pegasus Zombie
As vezes uma ave pequena
Afrontando montanhas
Se alimenta de flores canibais
E cavalga em corceis coloridos
Oriundo dos sonhos distante
Por onde anda sua amada?
Espera respostas na margem
Do rio, onde virgens evitam nadar
Conversa com rochas tímidas
E outras pedras menores Porém, não menos indefesas
Quando está com sede
Devora cântaros de água envelhecida
Nunca dorme, nunca sonha
É um errante em navios naufragados
Quando o poeta morre
Seus versos são enterrados
Na multidão

Ediel, a luz de Satierf (Fada poesia)

Ediel, a luz de Satierf

(Fada poesia - dueto com Leide Freitas)

Quando Ediel surgiu

Um largo sorriso abriu

Fiquei surpreso

Fadas são tímidas e lindas

Suas vestes são graciosas.

E aquelas asinhas,

Tudo em Ediel é encanto

e magia.

Além da varinha de condão

é doura em poesia

Vive na floresta

perto do rio, e dos pássaros

Se alimenta de flores

Ediel é assim

Ama sentir os pés

No chão frio

Aprecia café quentinho

Fica olhando as labaredas

No fogão de lenha

Sua voz é macia

Seus cabelos longos e sedosos

Exala um cheiro de terra

e vegetação úmida

Da sua boca saem palavras

Perfumadas e borboletas

De cores não batizadas ainda

Não gosta de acordar cedo

Contempla o nascer do sol

Em seguida retorna para

o aconchego de seu arbusto

Ediel, fada poesia

Zelosa, protetora da natureza

Dos bardos, e de todas as

coisas que viram versos

(Shimuel)

Ediel sai da morada,
Tudo fica em polvorosa,
Todo ser lhe cumprimenta,
Quer bem a fada mimosa
Que brilha exposta ao sol
Como gotas de orvalho
Que rega cravos e rosas,
Encantos do amanhecer,
Ediel virgem e formosa.
Quando ela se levanta,
Se encanta a floresta,
A grama deita a seus pés,
Os pássaros lhe fazem festa.
Bela e gentil Ediel
Se alimenta com frutas,
Sua sobremesa é mel
Que colhe no arvoredos
E divide com as panteras.
Porque não conhece medo
Brinca com as crias das feras.
Rola com tigres na grama,
Pega corrida com lhamas,
E dança com borboletas.
Ediel linda e travessa,
Faz da vida o que bem quer
Nada com as cobras no rio,
Ou monta no jacaré.
Faz trancinhas nas sereias
E lhes penteia os cabelos.
Escreve cartas na areia
E manda o vento entregar
Para sátiros de outras terras
Vir para estas dançar.

(Leide Freitas)

Cecília (s)

Veio-me esta palavra na mente
Assim, do nada num repente
Cecília... Cecília, talvez fosse a filha que não tivera
Ou a música que ouvira há um tempo distante
"Ser...Cecilia", me remete a semear, sonhar e ilhas, Gente como é bom ceciliar,
Como soa suave e susurra na fala; Ce..Ci..li..a
E na música como se dedilha Este acorde não me sai da lembrança
Tua sabedoria me cega, Oh, doce Cecilia
Observo seu caminhar lento
Cabelos, olhos, e torneadas pernas,
Seria assim... A que tomou de assalto meus pensamentos
Preciso entender como tudo aconteceu
Do nada, este somido e gracioso nome apareceu
Meu Deus! Cecílias invadem o mundo
Legiões de Cecília nas ruas
São lindas, altas, pequenas, escritoras, e comissárias de bordo
Que benéfica proliferação
Adão e Cecília, Tristão e Cecília, Romeu e Cecília, Bonnie and Cecília
Vejo este belo nome em tudo;
Mas que pena, não é o nome do meu amor

Luz dos olhos meus!

Luz dos olhos meus!
Quando brinca de Adeus
Rouba todos os sonhos meus
Qual criança, eu choro
Brinda-me com regalo
um débil e pálido sim
Que traduzo como não
Vivo nesta indecisão
Assustado na gangorra
Desgovernada do seu coração
Sei que por vezes, se diverte
Com essas estripolias
De mangar comigo
Aje como se eu fosse um brinquedo indesejável
Atiça meus medos
A seu bel contentamento
Quando este jogo virar
Não farei moedas de troca
Já pensou nesta possibilidade
Um dia dobro a aposta
Diante do confiante jogador
Eu banco a mesa
Enquanto a sorte não vira
Me reservo no meu canto Quero que saiba, não por mim, mas pelas entrelinhas destes
versos, ainda é a luz
dos olhos meus
Que alumina minhas dores, meus prantos
Sigo plangente na claridade Ofuscada, quem ama evita,
ou tenta escapar da total
escuridão, onde perambulam os amores desvalidos

Talvez eu escreva um poema...

Talvez eu escreva um poema
Ou umas poucas linhas
Dizendo timidamente
Não machuque, vida minha
Nesta vida não tive muitos amores
Não tive muitos amigos
Não degustei pratos raros
Não bebi vinhos envelhecidos
Por pouco sofri maus tratos
Porém não perdi este olhar
De quem procura no outro
Um acolhimento, um lugar
Responda sem titubear
Se existe uma jornada sem sofrimento
Pra chegar no amor sem amar?

Todas as coisas que brilham

Todas as coisas que brilham

Essa calma que envolve a noite
Céus! Como são lindas as estrelas vistas daqui
Esta aparente harmonia
Me causa uma certa insegurança
Essas montanhas, ao meu redor
Sempre estiveram aqui
Eu que nunca estivera deste lado
Onde as sombras são acolhedoras
Meus pés desavisados seguiram
os teus
E perigrinou por tantos lugares
Me lembro que havia um rio
E pássaros sobrevoavam seu corpo
Indiferente, saciava minha sede
Boca e língua escaldante, sentia uma fome desértica
Enquanto crianças reinavam no quintal
Tua beleza, se escondia atrás da cortina
Teu sorriso consumia, os meninos
Que se consumiam entre si
Nas paredes revi lugares, cujos sonhos já haviam me levado antes
Sou incorrigível...me abasteço de lembranças
Vivo do seu olhar, vivo dentro do seu olhar
Sou um hospedeiro inóspito
Explorando, seus vales, montanhas e grand canyons
Como são lindos seus lábios
São sedentos e sábios
Tantos sabores e aromas exalam freneticamente em mim
Sou um ser de indeléveis sentires

Natal

Sim é Natal! Um evento Cristão
Onde aproximadamente, mais de dois bilhões de pessoas comemoram,
Outras tão importantes religiões
Tem as suas datas especiais também,
Mas, hoje é Natal, e todos serão bem-vindos
(Islamismo, budismo, Judaísmo, Ateísmo
Espiritismo, Cristianismo, Hinduísmo)
É Natal em mim
É Natal em nós
Que as nossas verdades e crenças
Sejam sempre preservadas e respeitadas
Feliz Natal para todos,
Sem exceções!

Pegasus apaixonado

Teu querer é uma concha com brasas incandescentes em noites frias
Teus lábios vermelhos
Explícitos desejos
Teus seios, moradas dos deuses,
Como um Pegasus
Adentro em sua caverna
Bebo da água que brota da gruta,
Gruta santa, sua tez rosada,
Me confunde,
Cavalgo em seu dorso,
E nas ventas, sugo seu doce aroma
Tuas folhas, tuas pétalas
Liberam néctar em cascata,
Aqui neste veio, o sabor é indescritível,
Sou teu Pegasus
trotando em tua geografia,
Voando sobre teus canyons
Descobrimos fendas,
Você se apega em minha crina
Teus desejos de menina
Causam lampejos no céu
Vôo dentro de ti
Em teu continente
Tão úmido, e quente
Lavras escorrem misteriosamente,
Noites e dias se fundem,
O tempo não faz mais sentido,
Sentimentos tomam formas, cores embrionárias esfregam os olhinhos ao nascer do sol,
Eu sou forte, altivo,
tudo tão intenso e pulsante
que me perco na vastidão,
Abriga-me em suas asas
Oh, doce ave

Me conceda o dom de renascer
Das cinzas, ou do caldo
Que mina das pedras frias, e das rosas
orvalhadas,
Estou confuso, feliz e febril, já nem sei

Sem tésimo poema

Sem tésimo poema

Escrevo coisas.

As vezes nem sei porquê Carrego comigo um obituário de lembranças

Me arrisco em quadros que soam suaves

O olhar se identifica, e faz a leitura amiúde

Enquanto os dedos dedilham

Músicas que não domino

São sons e idéias que me acompanham

De tempos que jamais cataloguei

Meus pensamentos ainda se fortalecendo

Todos tão preguiçosos, e abaixo do peso

Ainda penso pouco, sou prematuro

Na arte de ordenar palavras e raciocínios

Não tenho essa amplidão toda

Diferente de você e da flor

Que tem canteiros repletos de histórias e cantos, que podem durar tardes inteiras

História pra gente grande

Gente triste

Gente que esconde amores

No porão

Meu sem-tésimo poema Escritos minguados...sem tesão

Travas dilemas com a solidão Sai a francesa, e em débito com a inspiração

Quando te encontrar!

Quando te encontrar
Eu vou guardar com tanto zelo
No meu coração arquivo-vivo
Entre uma gaveta e outra
Checar se estás sorrindo
Ou se mexe nos cabelos
Se brinca de se esconder, só pra assustar meu coração,
Esse menino assustado, todo encantado,
Dorme feliz, desconfiado
Se verdadeiramente, o amor chegou,
Por estas bandas
Quando te encontrar Vou me apropriar de um
Extenso vocabulário
Pra dizer as palavras certas
Que traduzem você,
Talvez, quem sabe! Eu fique mudo
Observando, teus olhinhos
Orbitando, as pupilas
Dos olhos meus,
Talvez emudeça, até fique gago
E me engasgo, de tanto querer
Então, você tranquilamente esboça um belo sorriso
E diz...calma, mocinho!
Respire,
Me toque, me inspire
Estou aqui; abraça-me,
Então, eu te abraço
Com tantos braços
Pra certificar que está
bem junto a mim.

Você amaria um homem que....

Você amaria um homem,
Desses que caminham ao amanhecer!
Diria palavras assim: Estou aqui,
Vim fazer companhia até que a chuva cesse!
Você amaria um homem que tem medo de rato, e morre de nojo de lesma, e veste camisa polo com bolso,
Levaria para praia, e caminharia com ele, até outro bairro, para conhecer, seu amigo de infância
Frequentaria com ele, sebos para
Ler livros com preços simbólicos,
Você amaria um homem que calça tenis usado,
Dono de um sorriso, a meia boca, e um olhar comum
E que beija como um amor do passado,.
te olha com carinho e te faz mimo, com caixas de bombons quase intactas, E
voce reconhece nele, essas habilidades,
Você amaria um homem que conversa com seus próprios botões,
inventar músicas sem tocar instrumentos, e curte filmes de Bollywood,
Preste atenção! Se é este coração, que você quer arrebentar!
Depois de forma irresponsável abandona esta criatura, em um parque, com um bexiga amarela na mão direita,
Olha, se te assustei, foi mal,
Não tive esta intenção, jamais!
Sou poeta, ainda em fase de maturação
Desconheço truques e jogos,
Principalmente, quando o jogo de improviso é; finja que está amando e diga coisas para prender este amor.

Rosa - A saga da guerreira!

Olha a rosa
Está chorosa
A balada acabou,
Na lembrança
As músicas
O olhar distante,
Na boca, o gosto
Do beijo,
Olha a rosa,
De tantos amores
Visitados,
Está tonta
Sob a lua
Soluça,
Só por hoje,
Não quer mais
Ser rosa,
Se fez feia
Borrou a maquiagem,
Foge queixosa,
Coisas de rosa,
Seu amado
Na calça jeans
Se distância, tudo se move,
Seios,
Toques, sussuros,
Saudades, sabores,
Memórias, e rosa,
Inconformada olha pra trás
Se certifica que é rosa,
Quanto tempo dura a tristeza!
Forever...
Rosa é efêmera

Que pena!
Segue orgânica e triste
Sente raiva
Sorri, emudece,
Tudo ao mesmo tempo
Sua, menstrua, sofre,
Mas é rosa, lembra!
É vida!
Vida que segue,
Entre calças jeans, volumes,
Mamilos enrijecidos
Línguas cálidas,
Rosa! Rosa! Rosa!
Orgânica, valente e vermelha,
Olha pra frente
É assim que as rosas fazem.

Quintanilhas

Se me fosse dado mais tempo
Que o necessário,
Andaria nas orlas sem a pretensão
De encontrar conhecidos,
Ou a chave perdida da casa recém construída,
Procuraria por árvores que produzissem mais sombras e águas de coco,
Vislumbraria manhãs com lençóis macios,
Vislumbraria calendários com feriados nas quintas, contrariando as chaminés e buzinas que ditam
as regras do jogo,
Neste exato momento
Não sei o que dizer, verdade!
Nem sei o que escrever,
Ante a impossibilidade de não
Conseguir com as minhas próprias mãos
Coçar as costas,
Se me fosse dado mais tempo
Iria atrás de braços longos,
Observo crianças brincando nas calçadas,
Enquanto corpos deitados na areia
Miram em casais não binários,
ambulantes e maiôs que marcam
Enquanto isto, filósofos, poetas, bêbados e pastores
retornam para casa com a incerteza do dever cumprido,
Se me fosse dado mais tempo
Só caminharia as tardes
Com reserva de água e boné,
Esvaziava os pensamentos vulgares:
Ou qualquer outros mais íntimos,. Não me importaria com nádegas, ou peitinhos;
Me importaria com os bêbados,
As crianças nas calçadas, somente.

Boa noite poesia!

Hoje o dia me sorriu,
Eu naveguei com anjos lindos
Que cantaram coisas do firmamento
Enquanto cruzávamos as águas
Do rio do esquecimento,
Hoje a travessia foi calma,
Sem choros e lamentos,
Recebi afagos na alma,
A tempestade recuou
Quando tambores mágicos,
Com seus sons ritmados ecoou,
A borboleta mensageira,
Com boas novas nas asas
Trouxe a paz em várias cores,
Anunciando nas casas,
Gente a paz não é branca!
Ela é multicolorida,
E se alimenta de poesias,
caminha entre as tardes,
As tardes são sorridentes
E brinca de esconder o sol,
Que se deixa levar,
Ele tem um imenso coração
E aquece o menino anjo do amor,
Enquanto faz pipoca
Para entreter as estrelas meninas,
Até a noite chegar,
A lua entra na cena,
A mãe de todos poemas,
Sorrindo para as tardes fagueiras,
Ilumina o rio que cora,
Ao ver as moças nuas
Em seu leito mergulhar,

Hoje o dia foi lindo,
Teve até colibri inibido,
Vendo as flores se abrindo
Despertando os girassóis.

Esbarra nos olhos teus, a luz dos olhos meus!

Esbarra nos olhos teus, a luz dos olhos meus!

(Resposta da poeta Leide Freitas ao poema Luz dos olhos teus)

Quando brinca de Adeus

Rouba todos os sonhos meus

Qual criança, eu choro

Brinda-me com regalo

um débil e pálido sim

Revestido de não

Vivo nesta indecisão

Assustado na gangorra

Desgovernada do seu coração

Sei que por vezes, se diverte

Com essas estripulias

De mangar de mim

Aje como se eu fosse um

brinquedo indesejável

Atiça meus medos

A seu bel contentamento

Quando este jogo virar

Não farei moedas de troca

Já pensou nesta possibilidade?

Um dia dobro a aposta

Diante do confiante jogador

Eu banco a mesa

Enquanto a sorte não vira

Me reservo no meu canto

Quero que saiba, não por mim, mas pelas entrelinhas destes versos, ainda é a luz dos olhos meus

Que alumina minhas dores, meus prantos

Sigo plangente na claridade Ofuscada,

quem ama evita,

ou tenta escapar da total

escuridão, onde perambulam os amores desvalidos.

(Shmuel)

Não quis brincar de adeus
Não quis roubar sonhos teus
Se fiquei nessa gangorra
Foi por pura indecisão
Meu amor eu tive medo
Por não saber teus segredos
Eu quis usar a razão.
Eu nunca me diverti
Com essas estripolias
E nunca manguiei contigo
Não fiz de ti um brinquedo
Não quis atíçar teus medos
A meu bel contentamento.
Nisso estás enganado
Mas digo em minha defesa
Que não quis virar a mesa
E nem quis ganhar o jogo.
Eu vou tentar explicar
A minha situação
E se você recordar
Tentei apenas voar
as não deu, fiquei no chão.
Fiquei um tempo sem norte
Mas o fio que tece a sorte
Me devolveu a você.
Todas as tentativas
foram frustradas
Se em ti doía assim
Também doía em mim
Eu queria ser amada.
Só depois que entendi
Que algo forte nos une
Um amor inusitado
Algo nunca explicado

Foi que segurou a gente.
Tu és agora o jogador
Agora o jogo virou
Não farás moedas de troca
E dobrarás a aposta
Tomando conta da mesa.
Agora fico no canto
E digo através de versos
Se eu eras a luz dos olhos teus
Hoje és a luz dos olhos meus
Agora tudo é inverso
Mas tem o poder nas mãos
Pode me dar teu perdão
Ou me mandar ao inferno.
(Leide Freitas)

Ediel apaixonada - Vivendo entre suspiros e sonhos

Ediel...um moço procura por ti
Saia deste arbusto, menina!
Ela passa temporada aqui, acredita!
Não é príncipe, não!
O coitado tá exausto,
Faz tempo que ele cheguei,
E você some deste jeito, Ediel!
Não use mágicas, por favor.
Desculpa-me senhor,
Ediel é assim mesmo,
Não tomou café ainda
Fica irritadíssima.
Some, vai para outros reinos,
Só chega no finalzinho da tarde,
Fica perambulando descalça, semi-nua,
Ela ama essa energia,
Ah, mais a danada é bonita!
Mesmo quando está zangada,
O senhor a conhece?
Sim, conheci Ediel em sonhos,
Ela brincava com as feras
Seu riso, ouço até hoje,
Então decidi, sair por aí
Na esperança de encontrá-la,
Caminho por anos, madame,
Estou cansado e sujo,
Sinto não poder esperar mais,
Desculpa-me senhora,
Outros reinos e florestas encantadas esperam por mim,
Que corcel lindo!
Este é o Pegasus...
Amei o nome dele,
Foi dado por Ediel!

As asas são lindas,
Como és belo, garoto!
Ediel é esperta mesmo,
Criativa, sensível, mas tem um
Comportamento...aff!
Como é seu nome, cavaleiro?
Meu nome é Ninguém.
Sério! Que digo a Ediel!
Diga que Ninguém a procurou,
Adeus gentil senhora,
Vamos Pegasus!
O tempo urge e há dragões, neste reino.
Ediel, Ediel, Ninguém te procurou,
o dia todo...
Oh, Ediel onde se enfiou, menina!
Pobre homem...andou tanto para encontrar você.
Céus, aquele corcel era lindo!
No entanto, o moço judiado um pouco!
Ediel, já pode aparecer...ele se foi.
Confesso, tive pena do Cavaleiro na sua triste figura
Obrigado, fada miga!
Ele nunca entenderia,
não posso trazê-lo
Para o meu mundo, pois ele, do seu mundo sucumbiria
Eu existo neste reino, o reino dele
É o quarto... logo ele acordará e vai perceber o perigo,
Podemos até sonhar,
Quem sabe, seremos amigos.
(Shimuel)
Em um dia qualquer Ediel acordou
E o corpo inteiro espreguiçou
Como gatos em manhãs de inverno
E depois desse ritual matutino
Sai correndo de encontro ao Sol
Vai dançar para o Deus menino
Porque hoje ela está diferente

Uma estranha alegria no seu peito sente
Melhor dançar ao sol para extravasar
O que não é dito e nem pode explicar.
Correndo Ediel sai entre os arvoredos
Com os pés descalços e solto os cabelos
Pois assim anda todas as fadinhas
Dança Ediel fazendo mil piruetas
Como um belo ser desse planeta
Um bonito espetáculo de se ver
Se alguém tiver essa oportunidade
De vê-la dançando ao amanhecer
Após a dança recostada em um tronco
Ediel a sós suspira todos os seus ais
Pois sentir os sentimento dos mortais
O seu coração de fada já não comporta
E assim ela guarda esse segredo
Entre sonhos, mil desejos e medo
Do que sente por um ser humano
Que um dia ela viu nessa floresta
Entre bardos, canções, luar e festa
Ele foi-se, mas ela não o esqueceu
Apesar de Ediel ser uma fada
E viver em um mundo mágico incrível
Aconteceu com ela o impossível
A fadinha se encontra apaixonada.
Ediel fecha sonhadora os belos olhos
Quer seu amado visitar em sonhos
É um jeito de tê-lo em seus braços
E em seu regaço cobri-lo de beijos
Como os humanos fadas têm desejos.
Ediel apaixonada sonha e sente
Quer viver esse amor intensamente
Penetrando no quarto do amado
Que se encontra então adormecido
Quando Ediel lhe acaricia os cabelos
E os seus lábios macios beija ternamente

Estremece mesmo em sonhos o amado
Sentindo da mimosa fada o intenso cheiro
Que lhe deixa urzes nos seus travesseiros
Antes de voltar feliz ao mundo encantado.
(Leide Freitas)

EDIEL, FADA POESIA! PARTE II.

EDIEL, FADA POESIA! PARTE II.

DESPERTAR DE EDIEL

Ediel desperta assim,
Acorda sempre preguiçosa,
Mas com os cheiros das rosas,
Sai correndo ao seu jardim.
Dança sempre ao Sol nascente,
Faz piruetas ao Astro-rei,
O que lhe conta não sei.
São coisas de outros tempos,
Outras vidas, movimentos,
Que nunca vamos saber,
Porque os mortais humanos,
Com suas crenças e enganos,
Talvez não possam entender.
Ediel brincando ao Sol
É um quadro comovente,
Linda, solta e sorridente,
Brinca com os raios entre os dedos
E confessa os seus segredos,
Sentindo os cabelos ao vento.
Depois da dança matutina
Com seu jeito de menina
Uma Ediel afogueada,
Alegre volta a morada,
Sua casinha de fada
Para de novo dormir.
Ela é cheia de manhas
E faz muitas coisas estranhas,
Fazendo a gente sorrir.
(LEIDE FREITAS)

O ENTARDECER DE EDIEL

Ediel, acorde, o amor bate a porta.

Sabia, que as fadas também
se apaixonam?

Mas que fadinha danada

Dengosa e apaixonada.

Quem dera, fosse eu, sua paixão

Iria desbravar florestas

Fazer festa

Domar dragão

Ediel, é brejeira e esperta

Nem domas o próprio coração

Leio seu pensamento

Ediel... Ediel, atente, o vento traz

Boas novas

Elfos e belos fados,

Apaixonados por ti

Como uma bailarina sorri

Já tomei todos cuidados

Recuso todas essas provas

Meu coração já tem dono

Acredite, é humano

E se parece contigo

Nem baixo, nem alto

Tem um sorriso amigo

No seu bem-querer me exalto

Confesso, estou melindrosa

Hoje queria ser rosa

No tronco do arvoredado

Ediel... Ediel, tão graciosa,

E com medo

Diz o passarinho,

Daqueles que voam sozinho

Pobre Ediel, é fada e fêmea

Suas íris dissolve enigmas...

Sabe que somos almas gêmeas.

(SHIMUEL)

Rimas pobres e um final quase trágico.

Temos tantas coisas para falar,
Seu rosto é lindo, sua boca, dentes,
Vistos de perto, são tão certinhos,
Temos tantos planos juntos a sonhar,
Risos...rimas pobres, amante sem juízo.
Sabia que pessoalmente você é mais bela...
Que faço agora! Te beijo e espero o mundo acabar!!!
Temos tantas coisas para publicar!
Teus olhos a revisar.... rimas pobres (risos)
Rimos da minha débil inspiração,
A minha peculiar falta de assunto... nossos olhos nos salvam, é hora de beijar??? - Penso,
Encosto minha boca na sua,
Vejo flores rindo, debochando do meu português vulgar,
Flores belas, debochadas
e incultas,
Fico sem graça, releio o escrito acima,
Penso em você,
Certifico: Sou mestre em rimas pobres,
Queria ser bom de verdade, e dizer incontáveis "Eu te amo", no mais zeloso lirismo,
Sonho de Quimera! Tudo é tão óbvio em mim,
Menos meu coração,
Enquanto as flores!
se divertem as minhas custas,
Você me beija e me chama de bobo,
propõem um dueto
Em versos brancos,
me sinto livre
E com fome
Entre batatas, ketchups e
hambúrgueres em promoções,
A paixão se revela...pausa...risos sem graças,
Alguém me dê um tiro, por favor, imploro!
Um estampido, seguido de um longo silêncio,

Eu o teria amado, meu amor!
Quem atirou!!! Eu, A Última Flor do Lácio,
Risos...pausa; ainda sobrou batatas, vamos nessa!
Demorou...

Brasiliência

O senhor me dê licença,
Mas esse termo eu vou cunhar
É assim que se escreve...
bra-si-li-en-cia,
Sim, meu senhor, eu tenho essa coisa em mim,
Trago livros volumosos no lombo,
E um sorriso amarelo, quase espontâneo,
Trago porões frios e memórias lançadas ao mar
Ganhei fama de preguiçoso, malandro e saqueador,
Colocaram meu caráter em jogo,
Então me tornei jogador,
conheço as trilhas que levam ao paraíso e ao inferno,
Tenho índios, negros e europeus, dançando nas minhas veias, fazendo seus ritos e sinais de fumaças,
Sou padre, pastor, e babalorixá,
Eu sou a resistência, sou múltiplo e safo,
Sei dos meus antepassados a dor,
e reconheço meu poder de resiliência
Fui forjado nos rios, morros,
becos e vielas,
Desci ladeiras,
Subi desfiladeiros e colinas,
venci, perdi,
Ressuscitei ao terceiro dia,
Sacudi a poeira,
Peguei trem lotado,
Comi o pão o que senhor amassou!
Cuidei dos meus irmãos
protegi minhas irmãs
Das garras fétidas dos desbravadores encachaçados,
Eu... sou aquele que os teus livros
omitiram.

O desvelo em teu olhar

Hoje não vi teu olhar,
Aquele mesmo olhar, que em noites parcas de estrelas,
Zelava por mim,
Hoje nem aquela música tocou,
A nossa canção, lembra!
Que ouvíamos em silêncio,
Tocados ficamos
Acalmando dos sustos
Nossos corações,
Nas tumultuadas galerias negociamos nossos sonhos
no mercado informal
dos sentimentos alheios
e recondicionados,
Havia tantas procuras,
Corredores repletos
De amores em promoções,
Ontem não vi teu olhar
Mantinha-se reclusa
Confessou-me estar,
Se sentindo feia
Mas para mim,
Tu és a feia mais linda
"Que meus olhos já viram",
Diga que é, meu grande amor,
Não se intimida, há poucos exemplares sobre amor e paixão verdadeira,
Essas coisas que nos deixam
Em looping, assustados, Com medo de cair,
Sentir amor é confuso!
Ao mesmo tempo que é bom,
Nos deixa numa situação estranha,
Do amor, creio que jamais saberei,
Chego a pensar que não é para Iniciantes,
Hoje não vi teu olhar

Foi o suficiente para culpar,

O relógio, a chuva, o trânsito, a fila!

inventaram para aquecer o consumo, e fracionar a saudade dos amantes desolados.

Essas besteiras todas, que

Mulheres, a Luz do mudo...eu te saúdo neste dia!

São belas heroínas a serem exaltadas neste dia Internacional da Mulher. Me maravilho diante de tantas pérolas, e ainda há muitas de valores e ideais em comum, neste mundo de meu Deus. Gratidão, a todas vocês Mulheres!

...Joana Dark

Ana Nery

Sacagawea

Chiquinha Gonzaga

Cora coralina

Clarice

Cecília

Zuzu Angel

Rosa Parks

Madre Tereza de Calcutá

Irmã Dulce

Dandara dos Palmares

Frida Kahlo

Carolina Maria de Jesus

Malala Yousafzai

Princesa Diana

Maria mãe de Jesus

Fernanda Monte Negro

Mulheres Ucranianas....

São lindas, em legiões de anjos surgem.

O bezerro e o tempo

Tempo...tempo... sou eu,
Queria sentar e conversar
Sobre as coisas do amanhecer,
Quero mais detalhes dessas cores
Com sabores de relvas e estrelas,
Estou um tanto desajeitado
Nesta veste de caçador de átimos,
Tenho um baú de borboletas azuis
E outros dotes que julgo ser do teu interesse,
Sentemos a margem do rio,
Não temos pressa,
Olhai os cardumes de séculos. realizando a piracema
Tempo...tempo...sou eu
Não sei arremessar as tarrafas
de pescar peixe-poema,
Mas vendo da vida a fluidez, o escoamento,
Aprendi a não macerar mágoas,
Combato meu medo ruminando
As reservas de sonhos
Certa feita escutei
Que a vida é como uma adega,
Nós somos as garrafas,
a qualidade do vinho, está conectada a esta triplice harmônia,
Tempo...tempo...sou eu, o amor,
Preciso de você mestre!
Da sua paciência, e prudência
Sou um bezerro afoito
Por vezes descuidado.

Átimos atemporais

Átimos atemporais

Eu acredito em coisas...

Que alguns olhos rasos não vêem,

sou apenas uma cor isolada,

juntos com várias cores isoladas,

Não sou assim tão tangível,

não sou essa matéria toda,

que perambula por aí,

Acredito em mundos, em versos

e portais,

Acredito em mulheres intocáveis,

Em seus vestidos pretos e sisudos,

Trazem sorrisos tímidos, porém com gosto

de paraíso nos lábios,

Acredito nas estrelas distantes

Nos nossos pensamentos equidistantes,

Na força dos amores medievais

Que ressurgem nas manhãs chuvosas das grandes capitais

Acredito em coisas e florestas densas exibindo seus verdes mais verdadeiros e suas enraizadas raízes,

Acredito em vozes de velhas sábias,

em multidões de invisíveis,

caminhando nas ruas de paralelepípedos,

iluminadas com lampiões a gás,

Ouçõ nitidamente o barulho das carroças

e risos nas varandas,

Sim, eu acredito em varandas,

E em rádio sintonizado em ondas médias,

Acredito na moça, no moço que se perderam em um amor avassalador

eu acredito em amores avassaladores!

Ainda choro pelas bruxas perseguidas

e queimadas em praça pública,

Ainda me culpo pelo excesso da Santa Igreja
e seus degredos,
Acredito no silêncio sábio dos rios,
E nas histórias que nos contam
os velhos livros,
acredito em coisas...eu vejo
garotas indo para o colégio, com camisetas brancas, saia xadrez,
e meia três quartos,
Agora neste átimo atemporal,
estou em uma pracinha: de um lado,
o cinema, do outro a sorveteria,
o coreto...E lá no cantinho você!
Acredito em coisas, em reminiscências,
e em amores eternizados em diários

Oito anos e um século depois

Quando nasci
Você nasceria oito anos depois,
Oito longos séculos...
para meu desespero !
Eu tinha oito motivos, e uma a espera que não cabia nos meus olhos,
Nunca entendi a razão deste vazio!
Existiam lacunas dantescas, entre um período paleolítico, e a espera por você,
Sobrevivi aos dias que você ainda não existia, e as agruras das noites glaciais intermináveis,
Oito anos luz era o ponto mais próximo de ti,
Fiz coisas, e me desfiz das coisas...quantas músicas ouvi, quantos livros li!
Em quantos amores me envolvi,
Incontáveis madrugadas, sem motivos vaguei,
Oito anos e um século depois,
Você chegou, morena, pequena
E forte feito tempestade
Sem reservas, disse-me:
meu grande amor, perdoa-me,
Estou oito vidas atrasadas,
No entanto, te amo na velocidade da luz,
Tive alguns contratemplos,
Aqueles coisas de menina, sabe!
Esboço um pálido sorriso, em meus braços te envolvo,
Quando nasci,
você nasceria oito anos depois,
Era tão linda entre todas as criaturas que ainda iriam nascer.

Lobos dançantes

Te vejo em terno contentamento matinal
Nas nossas bocas, o gosto do café, e algo mais
Estou em desjejum de outras noites,
De outros pães sagrados,
As manhãs insistem na janela,
O sol quer entrar, invade as frestas,
Enquanto eu invento planetas,
Invento casas com famílias,
Em segundos você passeia
com minha paz a tiracolo
Por ruas que nunca andei,
Domina meus sonhos,
A guardiã do meu sono,
Pouco dorme,
Sempre volta para um último beijo,
Te olho tanto, te zelo tanto,
Tenho a felicidade, e o medo
Na mesma página,
Trago depósito de letras
Em desuso no meu coração,
Passo os dias imaginando
O teu próximo sorriso,
Curioso, eu sempre caio no lugar comum
Lua, flores, estrelas e
eu te amo ... eu acho lindo! Mas cansa, quem quer apenas assistir
a um filme,
Essas coisas que falo,
já não cabem nas caixas
de papelão que acumulamos,
Tenho um coração arcaico
De céu azul, praia e canções,
Por isto invento outras possibilidades:

Cavernas, desertos; o fundo do mar...
Sei que um dia vai se cansar de tantos clichês,
E fugirá com os lobos dançantes,
Sou tão óbvio...e você tão bela,
E essa lua sobre nós!
Quem ama fica assim redundante,
Melhor então inventar planetas,
Onde não habita lobos... dançantes

Estou te amando tanto...que já nem sei!

Eu já nem sei, se faz tanto sentido,
As travessuras do amor dar ouvidos,
Se algumas vezes recuei... estava em perigo,
foi o que imaginei naquela ocasião,
Me assustei
Com a força avassaladora desta paixão,
Então travei...
Diante dos teus olhos, sucumbi
Meu corpo tremeu
Era o amor agindo
Sobre mim, eu nem sei...
Por alguns momentos me perdi,
Se era noite, se suava frio,
Se tinha febre, ou calafrio
Estava variando, oscilando, nem percebi,
Hoje meu olhar se recusa em mirar
Em outra direção,
E faz parada na sua estação,
Eu já nem sei, se as estrelas,
Estão comigo nessa jornada,
Se sim, não poupem brilho sobre minha amada,
Sem tua presença
As vezes, me espanto
Com os rumos
do meu próprio canto,
De tanto te amar, vivo sob encanto,
Até reconsiderarei em amenizar
este bem-querer,
Será, que por ser poeta, o amor é mais intenso, fica a margem do sofrer!
Não sei dizer...
Se vou sentir a tua falta, eu nem penso,
As minhas mãos aflitas,

procuram as tuas
Ela quer tocar teu rosto,
Afagar teus cabelos,
Em noites de lua
Nos lábios provar teu gosto
Eu já nem sei, usei todas palavras,
As mais belas que tive
de tanto exaltar esse querer, me esgotei,
Os dias tem sido tão felizes,
Pensar seu nome virou meditação
Exata canção,
Em voz que me chega em melódiosos musicais,
Que me fascina, me atrai,
Até tentei, um jeito de desviar
essa paixão,
Difícil foi convencer, sair da rota, meu coração.

Um lugar chamado porvir

Existe um lugar onde posso me encaixar
entre a lua e o sol,
Onde os sorrisos são escambos transformado em pães,
Negros, pardos, mulatos, LGBTQIA+, mulheres, idosos, gente de cabelos azuis, compartilham
espaços, trocam figurinhas e livros,
Tenho certeza que este amanhã,
em cores virá,
A sua janela será testemunha,
A intolerância será banida... xô intolerância, aproveite e leve o frio com você,
Que a paz derreta o manto gélido e odioso
que circundam os corações e os pensamentos encruados de muitos,
Que arte se sobreponha em todas as direções,
Em palavras, ações, gestos,
Existe um lugar, onde a fraternidade e a empatia repousam nus e inocentes,
Ainda são crianças e brincam de se esconderem no campo de centeio,
Este lugar existe, e dele pouco se sabe, não é plano, é pleno,
Pode parecer utópico
Surreal, além do trópico
Me assombra, a não existência deste meu horizonte perdido, minha mística Shangri-La,
Fecho olhos e vejo...há uma placa indicando: Um lugar chamado porvir,
Sinto a premência do seu despontar, do seu surgir!
Iguais as estrelas primeiras,
que avistamos daqui,
Um lugar, onde a sensatez habita
com outros valores,
Neste lugar fincarei os meus pés

Dia do amor...

Dia do amor!
Pensei que fosse todos os dias,
Interessante! Dia do amor (es), vamos começar;
Te amo, Maria, aquela que me deu a luz,
Te amo Marinna, a minha bela descendente
Te amo Leide, meu coração se reparte
Em flores, pétalas
E pétalas perfumam o universo,
Então, temos o dia do amor!
Assim como, o dia das mães,
dia dos pais, dos namorados,
Dia das crianças,
Tantos dedicados dias temos,
Meu coração se manifesta
E te convida a celebrar,
Tem o dia da poesia, dia do livro
Mas hoje em particular é o dia do amor,
Deus é amor,
O amor é lindo,
Você é linda,
Logo... voce é deus,
Não pode ser,
Meu Deus, o amor
Me enlouqueceu,
Justo no seu dia.

Sonhos adâmicos

Não pouparei minhas pupilas
em ver-te caminhar
estrada afora,
Entre sonhos e flores
a bela passeia,
dissipando suores e pensamentos,
em ritmos que minhas narinas não acompanham,
Te contarei do tempo que penava,
Quando a claridade era escassa, por essas bandas,
Tropeçávamos em anjos e harpas,
Recordo da velha choça no meio do nada,
Recordo a vida no meio do nada,
E me indignava; do barro, surgir: teus seios, dentes, cabelos e coração,
Em agradecimento beijava Deus,
Que de mim era tão próximo,
Enquanto você curava, as margens de um rio que fluía inversamente,
Não pouparei as meninas dos olhos meus em vigia- lá , nas estradas, nas montanhas,
Pobres guerreiras que sangram
sobre os campos floridos,
onde nua você caminha,
Beijando as rosas que ainda não eram carmim.

O amor mora em Roma

O amor mora em Roma,
Mas em Verona se estabeleceu,
Nos teus olhinhos oceânicos, tirou férias,
Fez pousada no dorso da fera,
O amor, dia desses veio me visitar,
A porta estava aberta, e uma luz
Invadiu meu cantinho...meu lar,
Sabia, que o amor aquece a frieza das pedras!
Da vida ao inanimado,
Este mesmo sentimento contido
nos textos do poeta apaixonado,
O amor está na cor, naquela cor que cora! e que deixa um frescor nos lábios, com sabor
d'amora,
As vezes, o vejo, en passant,
assim como se estivesse atrasado,
Mas, é tão visível na demora,
O amor mora em Roma,
Nas ruas, nas rimas,
Na multiplicação e na soma,
Por vezes o amor se camufla
no óbvio,
se entrelaça nas teias,
Se arrisca nos fios das Moiras,
Faz rapel nas minha veias,
O amor vive românticos romances
As vezes é corsário, as vezes é cigano!
Desapegado e sem rumo,
O amor é senhorio e inquilino,
Este selador de destino,
Sonda o ódio, e a ira,
converte os insensatos
Enverga os metais pesados,

**O amor está no pretérito, e no presente,
Quase me esqueci...
amor está na dor...e no dolente,
Em tua fonte termal acomodou-se,
Em nossos corações fixou morada,
Onde jurou permanecer, até o fim dos dias.**

Como bom equino que sou...sigo rindo!

Sigo caminhos não tão suaves,
sem a leveza e o frescor dos tempos idos,
Mesmo assim, digiro bem os desafetos,
Ainda arrisco rir,
normalmente, rio de quase tudo,
Não tenho a expertise
de um Coringa,
O homem que ri,
em situações adversas,
Não preciso me preocupar,
Não sou uma persona gelástica,
mas não descarto alguns cuidados,
antes que sofra maiores consequências,
Enquanto não recorro a terapia; vou vivendo;
rindo de algo, ou alguém,
Rindo deles e delas, dos atores e da plateia sádica,
A divina comédia aos avessos, com seus pífiros protagonistas,
Estou como os equinos, nos estábulos
Andando e depurando,
Não tenho tempo para as maldades e para o mal humor alheio,
Só tenho tempo e apreço para os bardos,
e para aqueles que trazem poesias nos olhos,
Para as turbas de insanos e ingratos,
me comporto como o equino
acima...
Sigo tranquilo! Lembra daquela velha canção,
Non, je ne regrette rien,
Bem assim...desta forma,
vou vivendo, comendo, dormindo,
amando, e rindo, rindo...muito!
Adoro me divertir com a estupidez humana, e seus fiéis representantes,
Quando alguém me pergunta como estou!

Respondo, como bom equino que sou:

"Non, rien de rien".

Amar é quase um plágio

Quero te olhar nos olhos
e fazer as juras secretas de amor,
dessas de deixar, a jovem Capuleto
de queixo caído,
Preciso escrever "estas mal traçadas linhas" e no final identificar,
com os lábios,
"gastando assim o meu baton",
"Quando te vi, milhões de estrelas bailavam lá em cima,
era tanta luz em meus olhos,
em minha boca,
Que ainda trago gosto de luz na pele,
Quero te amar, como quem sai procurando discos voadores no céu Londrino!
Em sussurros dizer aquilo tudo que eu lhe disse antes;
Que estou tão feliz, igual um
parquinho lotado de crianças,
Quero que use meu corpo,
com o mesmo zelo que
usa tuas calças jeans,
Quero que goste de mim,
Que se encante e cante as canções que você fez pra mim, e ainda as guardo na memória,
Quero que me ensine, tudo que desaprendi,
sobre essas coisas de amar,
Ficar em pêlos, rolar na areia, ouvir estrelas, mover astros, sair da estrada,
e morrer no mar, no mar,
Tantas palavras, que já foram lindamente ditas, e descaradamente me aposso,
para tentar justificar, ou em vão compreender;
se meu coração tropical é leviano, ou trovador, dos velhos tempos que não voltam mais.

Bacantes parnasianas

Bacantes parnasianas

Sabe quando o teu olhar converge com a água do mar!

Entre arco -íris e espelhos,
reflexos de silhuetas graciosamente desfilam,

Temos a eternidade...

contrariando a finitude,

Temos as palavras, para nos resgatar...

Moças vulgares,

Bacantes parnasianas

Se vendem por luas

e noites perfumadas

Quando os relógios pararem

Quem vai nos despertar?

Quando todos os azuis

se agruparem no céu,

que será de nosso corpos

expostos aos ventos fátuos

Então, meu amor, haja vista, o tempo voa,

Com todas as mensagens

de vibrar os tímpanos,

Mensagens de lágrimas e risos,

A paz postada em envelopes lambidos,

Sabe, quando o teu olhar

colide com meu coração,

estilhaços de saudades

se repartem em lumes

e cegam as razões,

Deve ser assim que nasce

o amor.

A noiva

Saiu pelas ruas
Estava descalça,
Descalça e feliz
riu para os convidados,
Saiu em debandada
Com a trupe mambembe,
Se embrenhou nos becos,
Subiu vielas estreitas ,
pensando em poesias
e outros gêneros literários,
Continha os desejos reprimidos,
sob seu vestido branco,
sujo de asfalto
e outros resíduos,
Seu sorriso lindo
compensava outras falhas,
Os olhos borrados
Procurava um objeto
Que sonhara um dia existir,
Alimentou mendigos
Com sopa e pão,
Cobriu uma velha
com parte das vestes,
e seguiu semi-nua
cidade adentro,
Foi para igreja
estava quase escurecendo,
Nem todas as imagens
estavam devidamente postas,
O padre de longe a olhava
com certo descaso
A noiva olhou para o relógio
da matriz e pensou:

O tempo de casar há muito passou,
e pegou atalho:
Por hoje quero dançar e beber vinho
E assim fez; a noiva alva, com seus braços longos,
A chuva insana de arroz e papel picado, se intensificava,
Cachorros e gatos faziam a festa,
as ratazanas não participaram da farra,
mas acompanharam da galeria
toda movimentação,
Enquanto o noivo sentou no altar,
Não estava triste, nem indignado
Talvez cansado dentro do seu traje de pinguim.

Dá-me esta rosa...

Dá-me esta rosa...

*Olha para mim
Com teus olhinhos pequenos e atentos
Sorri para mim
Com esse jeitinho
De quem quer agradados,
Dá-me este amor
enraizado em ti,
Paixão adubada
por tanto tempo,
Dá-me esta rosa!
Que trazes em tuas mãos,
brinque de sorrir comigo
nas manhãs preguiçosas,
Eu te dou meu coração
Em troca dos teus beijos,
dos teus rios de beijos,
Desta boquinha dengosa,
As estrelas são
nossas irmãzinhas,
São inocentes e brilham
sobre nossos corpos febris,
Lembro da suavidade do teu caminhar,
dentro daquele vestidinho!
Com desenhos abstrato amarelos,
ou laranja, sei lá...
e que tem um cheiro bom de erva-doce,
Eu te dou minhas alegrias,
e os meus dias mais felizes,
em troca dos teus segredos ingênuos
e inconfessáveis,
Aqueles segredinhos bobos
que os padres mandam rezar,*

somente dez Ave-marias,
Iguais aqueles sonhos que povoam,
o mundo de quem vive
no mundo da lua,
Dá-me o teu bem-querer,
que eu te dou todas as paisagens
que minhas retinas registraram,
naqueles nossos dias de devaneios,
Quero as noites que sonhamos juntos,
e descobrimos estrelas e planetas
a olhos nus,
Vimos tantas luas lindas,
luas novas, luas bebês,
precisamos amamentá-las.
Ah, meu grande amor!
Ainda sinto a textura das tuas luas em minhas mãos.

Pedra ressentida

Pedra ressentida

Ouvindo o lamento da pedra,
Uma pedra antiga
que comigo desabafava,
Podia sentir suas lágrimas,
seus ressentimentos,
Falava-me de outras pedras
que em sua vida passou,
Fiquei ali por horas,
Senti sua carência e abandono,
Passei minhas mãos em sua superfície,
estava áspera e desgastada pela ação do tempo,
O tempo e a pedra juntos, quem diria! Destruidores rígidos e vorazes de objetos que tentam
quantificar
a origem das suas existências,
Vendo a pedra ali, falando das mazelas e contando coisas de outras eras,
esqueci das coisas nefastas que me assolam,
dei meu ouvido, meu olhar, para a desinfeliz,
-Vê aquela montanha! Acredite um dia fomos amigas,
disse-me a pedra entristecida,
-Ela, a montanha teve filhos e filhas, formou um bela família, consegue vê-los daqui?
-Ela é linda, senhora de todas as
pedras, embora ignore minha existência,
Olhei para a pedra queixosa,
quase a peguei no colo,
Abracei fortemente...eu te entendo pedra,
mas fique atenta, pois mestre Drummond está a caminho,
não quero que cause a este nobre senhor, qualquer desconforto; ou venha gerar comentários
futuros; no meio do caminho havia uma pedra e blá,blá, blá...
Estás tão desamparada, pobre pedra, que agora me sinto no dever de protegê-la, enquanto eu
existir...

Nesta parte da cidade

Hoje eu fui ao centro da cidade

Revi as avenidas

os amontoados de fios

e pombos em revoadas,

seus casarões e prédio em ruínas

A cidade sobrevive

Apesar do concreto,

das fumaças e dos pesos dos

veículos,

Não vi nada de novo na cidade,

somente os hotéis suntuosos

do passado, abandonados,

ambientes que sonhava entrar,

hoje são vazios,

Sem pianos, sem Blues,

sem gelos e sodas,

Esta parte da cidade me conta em sussuros, segredos dos tempos gloriosos,

dos helicóptero, dos carrões pretos, dos vinhos envelhecidos nas cantinas,

epoque que vivi, A cidade convalesce

A Belle

Os monumentos quase todos mais para o cinza, e incrustado de manchas,

Assim como eu, esta parte nitidamente

envelheceu sem vaidades,

ainda vejo aquele moço

caminhando e sonhando nesta parte da cidade,

no coração da Metrópolis.

Pisa e baila suavemente

Saia dos meus sonhos

Quando puder devolva todos os beijos,
todas as luas que juntamos,
Quanto a mim, se pudesse me calaria,
Calibrava de vez em quando
a mira do meu olhar
para jamais te encontrar,
As vezes penso que apenas queria
matéria -prima para tua poesia,
Esta mania de brincar de amor
precisa ser repreendida;
Saia dos meus sonhos,
Saia da minha vida,
Vou deixar a poesia falar
Você não sabe nada,
Ou quase nada, sobre amor,
sobre amar,
Devolva os momentos que passamos
Meus sorrisos...quero de volta,
o que mais me revolta
é este teu analfabetismo em amar,
Haja estrelas, montanhas, jardins em flores!
Se você é indiferente, se você não liga,
Então, te peço,
Saia do meu caminho,
saia da minha vida,
Você me magoou
com palavras,
palavras cortam,
quando bem afiadas,
Queria flores afiadas,
cravejadas em meu coração,
Seria pedir demais???

O que nos separou
foi este teu bendito analfabetismo em amar,
Não posso fazer mais nada,
deixo a poesia rolar.

O Retorno da primavera

O retorno da primavera

O cheiro do inverno se esvaindo

A floresta povoada de troncos nus

O húmus da terra fortalecido

A sombra árida em busca de luz

(Rosa)

Vem primavera desfila em cores,

Enfeita as janelas das casas com suas belas guirlandas,

Nas pupilas angelicais, anúncio da primeira estação,

Me perco no azul, no rosa e lilás,

Neste carrossel de tons, sinto a primavera ganhar força e invadir
meu coração, e jardins alheios,

Neste fértil ambiente; abelhas, joaninhas e borboletas

Bailam delicadamente,

Enquanto, os ipês deixam cair suas flores,

como se brindassem vidas pelas manhãs,

Então, que eu seja primavera, que tu sejas também.

(Shmuel)

PífiOS mestres

Teu sorriso entres dores,
Um alívio, uma brisa,
Todos esses anos vividos,
não me deram sabedoria,
diante da sua breve vida,
No calabouço me recolho,
Vou reaprender no silêncio,
A raiva, ódio, os ressentimentos
PífiOS mestres
Que por vezes consultei,
Caminhos imperdoáveis
que com certeza trilhei,
por orgulho, insegurança,
esta cartilha adotei,
Peço perdão, fui negligente,
estava cego e via,
Foi um erro
Peço perdão, rejeito tudo que fiz,
Estava tomado pela maldade
Faltou-me inteligência,
Confundi tudo,
Ética, moral, caráter, dignidade
Li os livros errados,
fui um aprendiz desastrado,
De tudo me arrependo, fui horrendo, malvado e feio
Deveria ter sido mais paciente
e deixado os dragões me consumirem,
Fui fútil, fui coiole,
Antes fosse o cordeiro.

Anjos

Às vezes, me pego a pensar
Nas coisas; homem, mulher
Sacolas, sapatos, calçadas irregulares, e vejo exatamente ali, os passos apressados destes anjos zelosos e preocupados,
observo o seu andar cansado,
olhar perdido, estressada
sem perfume,
Troca a vaidade por sacolas com pão, sacolas coloridas com balinhas e guarda-chuvas açucarados
Às vezes são loiras, brancas e ruivas
Algumas morenas, negras
Brasileiras, nigerianas, indianas, egípcias,
me pego a pensar neste coral de anjos,
São magras, baixinhas, gordinhas, esguias, e esgotadas
São divindades e inventam alimentos
Em suas sacolas de cores diversas
Pouco sei sobre anjos,
Mas todos os dias
Elas surgem nos trens, nos ônibus lotados, invadem os subúrbio com suas bolsas escassas de recheios,
Enquanto em seus ventres vão tecendo anjinhos,
São lindas! Seus sorrisos de mães, avós, tias e filhas, iluminam os guetos, irradiam o mundo,
São anjos amigos, amas de leite, amas secas,
Com suas sacolas de rafias, seus pães, e paz
São seres intercessores,
Conceição, Maria, Rosa, e Celeste
São anjos em um céu desigual e azul,
mas todas são lindas em suas vestes douradas e celestiais.

Para sempre!

PARA SEMPRE!

Para sempre é algo muito distante para mim

Seria para sempre um pássaro de cores impossíveis!

Ou seria as manhãs com sabores de bolachas amanteigadas!

Sempre desconfiei dos felizes para sempre, embora meu coração ficasse ansioso na fila de espera,

Admirando os para sempre

e seus, forever, and never em lágrimas

in natura nos cantinhos dos olhos,

Talvez para sempre, seja uma chuva fininha com um meio sorriso flagrado através da máscara, ou a cabeça

levemente se movendo

do lado oposto da escada rolante

Enviaram-me pelo Shopee uma caixinha de para sempre, lindos!

Azuis, amarelo, marron, roxo...

Pintei uma aquarela na cara com os para sempre disponíveis,

Para sempre me remete as lindas princesas e extermínios gratuitos de dragões e bruxas,

Seria para sempre um caso de sucesso, uma franquia exclusiva de alguma poderosa rede? Talvez não! Conspiração barata,

Não faz muito tempo, havia tantos para sempre descartados nas frentes das casas,

Coisas do mercado informal e seus

para sempre Xing Lings,

Sempre desconfiei que beijinho no queixo, mordidinha na orelha, e peças íntimas comestíveis, não sustentassem os voláteis para sempre,

Sem comprovação científica, desisti

de tal argumento,

Talvez, para sempre seja ad eternum,

o infinito, aliado aos absurdos que se falam

em nome da felicidade,

Talvez seja uma piada imprópria, uma expressão cancelada.

Vegetação nua em árido novembro.

Enquanto seguia viagem, ia olhando para aquelas árvores que lembravam moinhos, ou cataventos. Ouvia sussurros ao vento...

É quase novembro, e breve estarei despida,

que capricho é a vida! Serei seu amor moreno do sertão, diga-me sim, após anos castigada pelas secas inclementes, e escassez da paixão, refutarei o teu não. Oh, minha árvore da vida, hidratarei o teu corpo no escaldante mês. Quando vestida e frondosa não me negava sombra e água fresca, sobre suas raízes repousava. Me abastecia dos seus frutos adocicados. Teus ouvidos atentos

pontuavam o desorientado capote que cantava. Minha pequena sertaneja, meu solo, meu leite, meu fruto da carnaúba. Através dos raios de sol tremulando como finos fios de seda, te via bailar, chacoalhar, minha árvore bailarina. Tua boca de árvore, teus braços de árvores, me traziam para dentro de ti. Meu amor tem gosto de mar e sal. Impávida e quente, quais os monólitos de Quixadá. Estou entrelaçado em minha árvore da vida que tem a tez acajuzada, e lolosa. Sorriso de mel de Jandaíra. Meu amor é tão lindo quanto a serra da Pacatuba. Minha manteiga da terra,

meu fruto da carnaúba. Tuas

folhas, eu devorei, só pra te ver nua, como árvores de novembro. Teu amado te saúda, minha bela carnaúba, não esqueça deste paulista que sua copa não perde de vista. De saudades não sigo mais a contento e tu, continuas, árvore viçosa e linda, como uma senhora na igreja, e indefectivelmente nua, no árido novembro.

Silêncio

Enquanto as águas silenciosamente fluem,
centenas de peixinhos nadam,
Não parecem felizes em suas quietudes,
Seriam depressivos, estes pequenos amantes da meditação?
Catedrais praticam silêncio,
Trazem séculos de silêncios em seus corredores subterrâneos,
Monges são doutos na arte
De ficar calado,
meditam em voz baixa, e entoam cânticos
Cavernas são frias e distantes, seus pingos de águas quando percebidos causam um certo
desconforto ao caírem sobre as pedras sisudas,
Ando quieto ultimamente,
Serei eu, um peixinho, uma catedral!
Uma caverna,
O pingo, a pedra, não sei,
No dia que silêncio valer
ouro, na certa, serei moeda de troca.

ATÉ BREVE!

Nos fins das conversas, ela nunca diz:
Até logo, é sempre, até breve,
Mesmo quando regressa minutos depois,
Meu coração se apequena,
Escondo o tempo na última gaveta,
para conter a espera,
Faço isto sempre que se despede,
entre uma conversa e outra,
com os teus "até breves" em letras garrafais,
Sei que é uma forma suave, leve
mas, as históricas partidas
não foram por completas banidas
das lembranças,
Para mim até breve, adeus,
nem parece coisa de Deus,
Fico na varanda, com olhares quase ateu, sobre o amor teu,
Até breve cala tão fundo,
abala os pilares do meu mundo,
mesmo sabendo que o retorno é certo,
e sempre acontece após o anoitecer,
Do nada, me pego a pensar:
Quantos até breves são necessários
para formar um, "estou indo embora",
Penso nesta conta, em sequência dispenso tal pensamento,
Afinal, nunca me dei bem em cálculos,
Ah, quanta fragilidade,
há neste meu amar!
Um inocente até breve, que mal,
pode a alguém, causar!
Quando teus lábios desenha
um inevitável até breve,
Faço-me surdo,

Faço- me cego,
Pego no sono
E só desperto, quando contigo,
o insensato até breve chegar

Chove lá fora ...

Chove lá fora
E em frente à janela vejo roupa estendida
Chove lá fora e a roupa vai-se encharcando
Chove lá fora
E lá fora a roupa vai-se molhando
Gostava de falar para os vizinhos
Para lhes avisar que lá fora chove
Como dentro de mim a água jorra
Como dentro de mim trinam os sinos
Como dentro de mim os pardais cantam
Como dentro de mim chovem dois cântaros
E lá fora chove
Enquanto deitada sobre a cama
Aguardo que pare a chuva
Aguardo que passem anos.
Parte 1 (Ana)
Chove lá fora
Tudo se dissipa
Medos, falsidades, dores,
Observo da janela lateral
Meus amores em correntezas
Findarem
A chuva ganha volume,
Ensaio tomar um banho lá fora,
em seguida recuo,
Melhor ter cautela
Do que gripar,
Sinto uma vontade louca de gritar
Sou tímido demais para tanto,
Alguém em seu guarda-chuva, me olha,
Ah, os guarda-chuvas, são tão limitados nestas horas,
Volto a varanda;

Fico olhando a passar por mim; roupas, vizinhos, sinos, pardais, cântaros, cama, e os anos.

Parte 2 (Shimuel)

Um sorriso, um amigo, por hora, é só o que quero - dueto))

(Dueto: 1º parte Jocydyr Tavares)

Um sorriso, um amigo, por hora, é só o que quero.

Este doce querer de amigos, a pulsar feliz em meu peito, é o sol que mantém meu sorriso.

Aqui, relaxado em meu mundo, a velha cadeira é meu trono e

o tesouro tão reluzente, está em Aguas tranquilas, no fundo do coração. Daquela árvore à beira do caminho,

colho frutos dourados, à sombra amiga

e frondosa, sem pensar em belas mansões, pois tudo o que tenho e sinto, é o ouro da minha vida.

Tenho nobres amigos na travessia

do tempo, e voam no jardim da esperança, com pássaros de todos os cantos e borboletas de todas as cores, ao recanto da minha vida.

Nesta cadeira velha, sempre aguardo

"um sorriso, um amigo", por ora, é só

o que quero...Quero o mundo transformado, onde todos se abracem, sem o peso da corrente dos preconceitos...De tudo que encontrei no caminho vivenciado,

trago comigo na bagagem

leveza de abraços,

acenos, risos e sorrisos"

e o paraíso de boas lembranças...

Como é gratificante, no roteiro desta vida, colecionar bons amigos,

- estas joias preciosas que reluzem

na memória, e no do coração!

(Dueto: 2º parte Shimuel)

Não sonho mais com mansões,

Nem ouro, nem tesouros no

Fundo do mar,

Quero o riso fácil, frouxo,

Uma cadeira velha, e um café,

Sabia que sou amigo daquela árvore,

Dona de tantas histórias,

Que até cochilo quando a ouço

Alguns gentis companheiros

Pássaros, gatos, borboletas e cachorros,
conquistei nesta empreitada,
Conheci gente de todas as cores
De todos os credos,
Tinha uma moça que nem credo tinha,
e vestia azul, e seus dentes era tão alvos,
Como marfins
Quando dei por mim carregava
uma mochila cheia de olhares,
abraços, acenos, risos, e sorriso,
que daria para fazer um belo colar
E te presentear com este colar de amizade.

Eu sou assim!

(Dueto com a poeta Clau Dias)

Sou a perfeita criação,
Sou história, lenda, mitologia
De antigos DNAs, de santos e homens
Meus olhos e minhas mãos
Percebem, sentem
Enquanto meu nariz segue feliz
Cheirando chuvas,
Sou grato, deslizo as pontas dos dedos
Por sobre a seda, sempre gostei de flores,
de caminho, descaminho...sou tantas experiências juntas,
Trago um mundo no olhar,
Sonho, cores e canções
Sinto vontade de cantar
Qualquer música!
Talvez, a música de Deus
ou dos anjos,
Gosto de sentir as pontas dos dedos
Nos meus medos,
E nas estradas sinuosas,
A vertigem, faz parte da viagem...
(Shimuel)

Sigo assim cantarolando cifras de minh'alma

Embalando amores e dores

Desviando de setas, me faço arco

Disparo letras alinhavadas com orvalhos

Desprovido de coringas e baralhos

Coração nude

Saborizando a vida com mel, fiz oque pude

Concerto de paz e bem

Liberto do ranço e rancor

Amém!

(Clau Dias)

O palhaço e a amante

O Palhaço e a Amante

Vem florescer comigo,
tenho uma sacola de sonhos
e abrigos para as noites frias,
Vem! Conte-me a tua história,
Sou todo ouvido,
Ah, como eu amo este teu jeitinho
De contar as coisas,
Que antecederam nós dois,
Vem caminhar comigo,
Conheço os territórios,
Dizem que sou aleatório,
Mas para o momento, só quero te ver,
Que esta vida, criança, seja doce!
Serei o teu guarda-costa,
Guardião do teu coração-menino,
Serei chuva, vento, tempestade
Serei o tempo brincando de fazer noites
e dias,
Nas atrapalhadas inocentes, quero ser o palhaço que rouba os teus sorrisos.
(Shimuel)

Já conheces toda minha história
Pois já sussurrei em teu ouvido
Então, vem florescer comigo...
Beber água dos cântaros mais antigos
Nos banhar nas purificadoras águas dos rios
Respirar o verdor das florestas mágicas
Brincar com tigres, lhamas ou leões
Cantar para os elementais velhas canções
Que ouvimos de nossas ancestrais
Aias que nos embalaram ao cair da tarde

E nos afagaram gentis entre suas saias.

Vem florescer comigo...

Passearemos de mãos dadas ao luar

E tomaremos banhos a sua luz prateada

Olharemos embriagados as estrelas

Que como nós, estão apaixonadas

Iremos a praia caminhar descalços

Para sentir nos pés a fina areia fria

E faremos amor nas madrugadas.

(Leide Freitas)

Resenha sobre ingênuas paixões

Sou fã das paixões ardentes,
Principalmente as paixões conturbadas,
Com noites perdidas,
olhares ao léu, rímel borrado,
e gosto de saudade nos lábios,
Na primavera, se apaixonar,
caçar borboletas, escrever livros,
São itens essenciais, para colecionadores,
Paixão tem que florir,
 ao som de uma canção,
Não, uma canção qualquer,
 Atenção com amores recém-nascidos!
Demandam cuidados, têm que ser banhados no orvalho e quarados
nas manhãs raiadas,
Meus olhos vagueiam por entre
moças de vestidos indiano,
Exalando odores
Enquanto moços amanhecem
na praia, corpos seminus,
granulados de areia,
Paixão é universal
Patrimônio tombado
dos corações aflitos.

O homem centenário

homem centenário

Em 2062, farei um século de vida

Fico impressionado como

está passando tão rápido

Faltam apenas 39 anos!

Filhos, netos e bisnetos

presentes neste evento

Vou lembrar de coisas marcantes

de várias décadas. Vai ser lindo!

Todos os amigos reunidos

A maioria em memórias póstumas

Mas tudo bem...É a vida

Teremos um médium de plantão

Estou tão ansioso! Cem anos!

Espero que não seja festa surpresa

Ando com a sensibilidade a flor da pele

Gostaria que estivesse comigo

neste dia. Queria muito, mesmo!

Tudo bem, querida! Ainda posso

contar com o médium

Queria ganhar livros, perfumes

ou uma uma viagem para o nordeste

Me contento com livros, sem problemas!

Caramba! Já posso imaginar a movimentação:

As homenagens, os discursos,

os abraços...

Meu sobrinho fará um culto

Ele estará bem nos seus 88 anos

Todos os irmãos e primos presentes, espero...Sempre tem aquele que faz um certo charme

Hummm... Lembrei-me agora!

Tenho que fazer um poema em homenagem a minha mãe!

Preciso correr, afinal, 39 anos

passam voando.

Um amor de Juliet

Ontem amava feito Juliet
Alegre, intensa
Fugaz sequestradora de madrugada
de lua, de jardim e rouxinóis
Hoje, não sei se aprendi
Domar este alazão
Sobre amor desvairados e rédeas curtas
De nada entendo,
Sou quase uma Capuleto,
Sem medidas, sem medos
Nem remotamente tenho controle
das coisas do coração
e as areias finas do tempo,
hoje não me assustam mais
Oh, meu amor, pela primeira na vida
vivo um dilema;
Que ora se esbarra no canto da cotovia, ora se esbarra no coaxar dos sapos.

Reminiscências

Não me lembro bem do primeiro beijo
Se tinha gosto de banana ou chá
Me lembro dos sonhos nas vitrinas
Tudo, tão doce e distante
Me lembro da catedral
abandonada, dava calafrios!
E do amolador de facas
e sua gaita encantada
Os banhos de bacias na cozinha
e o banheiro no fundo da casa
Às vezes, o céu ficava cinza
Relâmpagos medonhos
Morria de medo e corria
até tropeçar numa pedra
Oh! pedrinha insolente
Não me lembro bem do primeiro beijo!
Nem da primeira dança...
De certo você era linda
com tuas chitas e vestido azul
Talvez tivesse cárie... e se chamasse:
Rosana, Mônica ou Tânia
Gostava de fazer sombras com as mãos
na parede de tijolinhos
A tardinha, esquentava a fogueira
e secava o short
ainda úmido da lagoa
E o xixi noturno e incontinente
aquecia-me por uns segundos.

JABAQUARA-TUCURUVI

Eu sei que um dia
meu caminho
vai cruzar com o teu
Eu vou dizer: Meu Deus!
Que bom que te encontrei!
Que bom que foi assim
Tanta gente passa por mim
Eu devo ser legal
Isso conta ponto
É um bom sinal
Nas escadas rolantes
pessoas elegantes
Cansadas, ofegantes
sobem e descem as escadas
Quem sabe você apareça
Neste trem
nesse frenético vai e vem
Eu dou de cara com você
numa dessas paradas
Consolação - Paulista
Amores à primeira vista
Jabaquara - Tucuruvi
Tenho certeza que já nos
esbarramos por ai
Na estação das flores
descem todas as cores
Lilás, Rubi, Azul...
Todas as zonas se cruzam
Norte, Last, Far west, and soul
Vejo tantas mãos no mesmo corrimão
Passei a catraca, peguei o beco,
tô na quebrada, princesa

Teu coração, minha estação

Paz, pães e poesias

Não tolero violências
dessas que maculam as manhãs
Manhãs bebês, que vislumbram
um mundo melhor
Quero um céu de brigadeiros
e chocolate quente
Com uma saudade que se
finda no cair da tarde
Sempre quis ser poeta
mas com poesia não se compra pão o suficiente
Que triste...trago as minhas
parcas reservas
Eu amo pão, então!
Pão com manteiga, pão com geleia, pão puro
Gosto de comprá-los
e observar a atendente
_ Quantos pãezinhos, senhor?
_ Seis! Quero aqueles, mais queimadinhos
Não sei porquê, não gosto
de pães pálidos
Não gosto deste mundo pálido
Gosto mesmo de escrever poesias em paz, com meus pães.

Palavras Morfo-Azul

Poucos **ouviram**, soturno
Somente **alguns** conhecerão sorumbático
Não ouço a palavra taciturno
há quase três decênios
Tergiversar, escutei em algum lugar
Sinto saudades do som
da palavra indefectível
de ouvir paulatinamente
Alvíssaras, meu Deus!
por onde andarás!
Talvez em terras lusitanas
Deletério, encontro zanzando
em alguns textos
Oxalá, não tenha caído em degredo
Pudibunda, me vem na memória
a dulcíssima dona Raimunda
que a usou em feliz comentário
sobre uma tal beata e seu escapulário
Abjeta, para alguns virou arroz de festa
Ouço-a com certa frequência
Excrescência, a quem duvide
da sua consistência
beira o inverossímil!
Folheio, enlevo e desvelo
Nas tantas páginas que leio
Etarismo, sororidade
brotam nas línguas com certa intimidade
Por entre anelos e beneplácitos
Persistem as borboletas azuis a oscularem a última Flor do Lácio

DESMANTELAR O TEMPO

Desmantelar o tempo
tirar dos relógios os ponteiros
ou enlouquecê - los
Viver a atemporalidade
despretensiosamente andar
assim com as mãos nos bolsos
Viver sem impedimentos
Mergulhar no infinito
Nadar...sem rumo
e se perder nas profundezas
Rasgar as horas
como quem rasga páginas inúteis
Esperar agachado, uma pessoa passar
Dizer assim, ao vento:
"Como vai? Como vai? Como vai?"
"Tudo bem! Tudo bem! Tudo bem!"
Os dois com nariz de palhaço
Deslonar o circo, e correr no sentido
anti - horário,
vontade de juntar todos os meus nadas, sair por ai
sem a pretensa vontade de voltar.

Viagem

Esta viagem é necessária
Andar de trem
Se arrastar sobre trilhos
Caminhar pelos teus olhos
No estreito do teu sorriso, despencar
Vejo árvores fugindo
Lindas, verdes e libertas
Parece que dançam
Estão felizes
Nas vitórias régias, teu coração repousa
Sob um céu de incontáveis estrelas
Me disperso, me acabo em verso
Teu cheiro de terra umedecida
Anuncia o amanhecer
Todas as flores em assembléia
Tem fragrância nova no ar
Percebo as cores e suas matizes
Farto-me de gradações e tons
Sou igarapé, sou peixe, sou erva
Um intruso batendo palma
Uma montanha que se rebelou
Um deus-menor olhando de cima
O curso das águas
Esta viagem é necessária
Sigo a trilha, mochila nas costas
Raios de sol pousam em meus ombros
Como falcões treinados
Bebo desta resplandecência
Estou hidratado de ouro e prata

Andando sobre paralelepípedos

O que dirão quando me virem andando por **ai**
Roupas rasgadas, pele encardida
O príncipe dos mendigos!
Um filósofo!
Não nasci para tanto pensar!
Gosto de sonhar, de olhar
De ouvir
Gosto dos sons que do passado reverberam em mim
Gosto das cidades e das serras
Das flores e mirantes expandidos
Gosto de pássaros
Gosto dos mortos, das suas crenças
Gosto das igrejas e dos casarões
Com seus devidos fantasmas
Gosto das ruas e das escadarias, Viajo nas cores que sempre tendem para o azul
O que dirão quando me virem repousando sob a marquise de uma construção tombada, Um
felizardo, sem eira nem beira
Sonhando com vilas velhas
e herói com ideais libertários
Gosto de andar sobre os paralelepípedos
e imaginar os suores derramados
para cada pedra posta neste árduo
calçamento
Sou assim! Esta tríplice fronteira: ausente, presente, pretérito.

Docemente cruel

Você foi docemente cruel
Mas não seria você
Se não agisse assim
Você encontrou algo maior
Com certeza, não estaria incluso
Os riscos eram significativos
Enfim, são as demandas da vida
Um pouquinho de mim entristeceu
Naquele dia
Vou sofrer em três parcelas
Sem juros
Depois engatar novas aventuras
Sem precaução, sou intenso mesmo
Confesso, neste exato momento
não estou feliz
Comprei roupas novas
E cada vez mais me aguça a
Vontade de passear
Conhecer os extremos deste país
Tenho uma vontade louca
De ver florestas, subir e descer as serras,
Conhecer algumas capitais
Com o sol ardendo na cara
Mochila pesando nas costas
E na minha frente todas as
possibilidades
Com licença
Aí vou eu...

Adeus Ediel...fada dengosa!

Ediel, fada dengosa, não se esconda
entre os arbustos!
Sei que estás ai
Não use de mimetismo
Este sortilégio está me deixando confuso
Ediel, Ediel...Ediel
Porquê não responde
aos meus pensamentos
Estou perdido
estou magoado
Não me alegro mais com o brilho
Dos pirilampos
E nem com o cantar dos grilos
Ficou um vazio, Ediel
Uma vontade tamanha de chorar
Depois daquele adeus
Perdi os passos
Vivo triste, errante,
Esperando o tempo me restituir a calma
Vã ilusão a minha
Ediel, fada dengosa
Aprendeu outras doutrinas
Ediel, ficarei aqui
Até a ferida fechar
Até o dia abraçar a noite
Todos os encantos e sonhos se foram
Num passe de mágica
Ediel fala outra língua
Dessas que não domino
Ficaram as lembranças
Os sorrisos, ficaram os mosaicos
De letras que fizemos juntos

Ediel, Ediel...Ediel

Saia desta gruta

Por favor...

Ediel, Ediel...Ediel

Quando não mais ouvir minha voz

Então, terás me esquecido

Também terei esquecido,

Tudo ficará no passado,

Nos recônditos das memórias

Como meros sonhos,

Desses que temos

dificuldade de lembrar.

Todas as estações em mim

Este sol ardendo nos olhos
Quisera ainda fosse verão
Um calor dissimulado, beirando o incômodo
Não sinto falta de blusa
Por enquanto
Logo, o frio chegará em mim
Em rigoroso inverno
Incrível essas mudanças climáticas Recordo o dia claro
Desta manhã que se esvazia lentamente
Estranho... esta chuva insistente
Parece outono, fazendo descaso da
Atual estação
Quem sabe mais tarde
O tempo melhora
Disseram mesmo que choveria
Acertaram a previsão
A moça da televisão, ri aliviada
Parece verão
Meu coração encharcado
Nada entende de clima
Ouve atentamente os pingos barulhentos
Milhões de pingos nos telhados
Penso na rosa vermelha que vi
Depois de tantos infinitos pingos
Espero que sobreviva as intempéries

Poema na primeira pessoa

Não deveria pensar, nem dizer
certas coisas: como eu
fiquei mal daquela vez que...
Enfim, está um belo dia de sol
Estou em dias com o meu emocional
Pessoas passam por mim
Aceno levemente com a cabeça
Ainda estou me adaptando...
Fico observando até a imagem sumir
Existe um sol sobre mim
e já é suficiente
Estou em franco movimento
Desaprendi ficar estático
Tudo me segue
pinturas, placas, prédios...
Vou por estes caminhos supostamente desconhecidos
Para alegria de minha memória tão desatenta
que se encanta com lugares e objetos
por tantas vezes vistos
Sou estranho aqui
Fico me recepcionando
como se fosse turista
Alguém me sorri, eu retribuo
Sou educado ou me esforço
O dia está cheio de possibilidades
Minha garganta grita por líquidos
Meus olhos brilham
As órbitas entram em epifania, enlouquecem
quase não as contenho
O dia se mantém incrivelmente quente
Estou rindo a toa
mas não quero gastar assim

esta felicidade

Um cachorro me observa

Queria ler seus pensamentos

Sinto empatia por este cachorro

Tenho vontade de abraçá-lo

mas estou em movimento

Sinto as cores e cheiros intensificarem

Meus olhos gozam

As pupilas adormecem juntinhas

Eu!!! Bem... sigo o sol que insiste

em não me desapontar.

Parece poesia?

Parece poesia!
Passeia no escuro
Padece de sonhos
Parece equívoco
Aquilo que somos
Como náufrago
Resgato garrafas
Teu corpo me arrasta
Por ondas densas
Não sei o que pensas
Quando pensa em nós
Parecem escritos perdidos
Os tais pergaminhos
Parece caminho
O estreito portal
Parece prosa
As coisas que conto
Traços retas e planos
E ponto final
Se isto lembra poesia
Me dê um sinal...
Parece rocha
Tem gosto de sal
Ingênuo mistério
Dos teus hemisférios
Escorrem raras e finas paletas
Agridoces
As lágrimas em pares
Lembram pingentes de cristais
Meus lábios secos
Sedentos sorvem
Parecem insensatos

Incansáveis famélicos

A fluidez dos anos

Traz nuances de carinho

Carência de quem vive

Sozinho

Parece um poema!

Lembra e tem cheiro de poema em estado líquido

Que escorre por entre os dedos

A procura por outros relevos...

É sobre o que penso ou reconheço.

E a poesia vai!

Compilado dos meus recentes poemas.

Trecho: **desmantelar o tempo**

Viver sem impedimentos
Mergulhar no infinito
Nadar...sem rumo
e se perder nas profundezas
Rasgar as horas
como quem rasga páginas inúteis...

Trecho: **Paz, pães e poesias**

Não tolero violências
dessas que maculam as manhãs
Manhãs bebês, que vislumbram
um mundo melhor...

Trecho: **Um amor de Juliet**

Ontem amava feito Juliet
Alegre, intensa
Fugaz sequestradora de madrugada
de lua, de jardim e rouxinóis...

Trecho: **resenha sobre ingênuas paixões**

Sou fã das paixões ardentes,
Principalmente as paixões conturbadas,
Com noites perdidas,
olhares ao léu, rímel borrado,
e gosto de saudade nos lábios...

Tem um rato no meu poema

*Tem um rato no meu poema
que me fez subir na mesa
Poema, talvez não seja o melhor lugar para um rato
talvez precise rever este pensamento
Lugar de rato é na lixeira a céu aberto
Um rato invadiu meus pensamentos
e acessou minha conta
Na minha ingenuidade pensei:
que os queijos atraíssem os ratos
mas a coisa não funciona assim
Os ratos gostam de desafios
Os ratos são petulantes
Os gatos são minorias
Enquanto os cachorros
são indiferentes aos ratos
Os venenos de ratos foram banidos
das prateleiras e não se pode mais
chamar um rato de rato
Vejam vocês: um rato invadiu este poema
Agora, eu só penso em rato, que praga!
Ainda bem que existem outros animais
Passarinhos, coelhos, tartarugas...
Mas os ratos dão as cartas
Talvez por descuido, lá atrás, ignoramos
estes pequenos e desprezíveis roedores
Hoje temos que dividir espaço com eles
Odeio ratos...
Conclamo a todos os gatos e simpatizantes uma cruzada sem precedentes
contra estes pestilentos
Ou acabamos com eles
ou eles acabam conosco
Filho, seja um homem, não seja um rato!*

*Não se acovarde diante de um
Desarticulando o rato dominante
Os ratos subordinados com o tempo
retornaram as suas devidas lixeiras
Tem um rato no meu poema
Tem um rato no banheiro
Tem um rato na platéia
Neste exato momento
Tem um rato no sofá
indignado com este poema.*

O salto da fera

Tua bela face de fera
causa medo e fascínio
Legítima guerreira
Tão perfeita e exata
Caça com elegância e violência
Teu dorso, teu faro
todos os movimentos
tão precisos e rápidos
Doce fêmea, feroz e felina
Sob teu olhar intimidador
a presa de cada dia padece
um abate iminente e justo
É a selva que dita a sobrevivência
Tens um coração quente e iluminado
E uma descendência a zelar
É a selva em que vives
É o solo por onde trafegas
É o medo, o silêncio, a escuridão
A força sob controle
na demanda da fome e da escassez
que antecede o banquete
Tua veste de leão, teus músculos
protegem a prole
e segues teu destino
com resíduos de desafetos
nos caninos.

Duas imagens

Nessas duas imagens
Ficaram minhas dores
Minhas alegrias
Um passado e meus olhos
Sei que são feitas de gessos ou resinas
Sem valor artísticos
Fabricadas em Séries
Meu coração adorador
Rejeita críticas
Sinto o bálsamo no anjo
Do infante que perdi
Da Santa me vem o alento
E uma paz inexplicável
Talvez seja por isso o apego
Que tenho por essas relíquias
Sempre gostei de imagens
Queria ser uma
Dessas que se acham
Em escavações
Que descrevem um período
Hábitos e costumes
Quem sabe daqui a dois mil anos
Eu vire objeto de estudo
E minhas alegrias e mazelas
Sejam justificadas.

Caleidoscópio

(Como se fosse um sonho)

Como se fosse um sonho
Todas as flores se reuniram para
brincarem de dias e noites
Formaram então, uma grande ciranda e cantavam as músicas das velhas árvores
Enquanto os meninos arcos-íris
rapidamente enfeitavam o céu
Eu voava em carro de fogo
atravessava as nuvens de borboletas gigantes
Perseguindo teus cabelos mágicos
Incontáveis fios de ouro emitiam
sons de pássaros e bebês dragões
Tudo era grande e perfeito
A paz era esguia e tímida
A coragem sorria em sua armadura impenetrável e argêntea
Ah, o amor! Sublime e generoso
soltava hálitos de hortelãs
para as manhãs que caminhavam nuas em suas veredas suspensas
O tempo se atrapalhava em suas vestes verdes
como se fosse um grilo anfitrião
As estrelas em polvorosa
congestionavam a via láctea
Eu...nem me dava conta deste caleidoscópio encantador que me encontrava
Como se fosse um sonho
continuava a pentear seus longos e infinitos fios dourados.

Tempo doido!

Acho lindo essas fotografias
Que mostram coisas e casas tias rechonchudas
bolos de cenoura com chocolate
Tenho tantos cacarecos na memória
Sinto que minha cabeça não dá conta
Penso naquele passeio no parque e me vem o cisne na lembrança
Nem sei se era um cisne
Ou um pato bem - afeiçoado
Gosto mesmo é de ir embora
Tenho aversão em permanecer
Só não abro mão das minhas
roupas velhas e de alguns livros
Veja, é verão e ainda faz frio
Que tempo doido, seu Samuel!
Minha vizinha sempre dizia isto
E dava um sorriso que justifica
Essa pretensa vontade
Em traduzir saudades...

E se for mesmo amor?

E se for mesmo, amor!
Já pensou!
O que faremos?
Devemos ser cautelosos
Avisar os familiares e amigos
Jantar fora a meia luz
Fazer uma viagem
Essas coisas que fazem as pessoas
quando se amam
E se for só um susto!
Consultamos um especialista
Um psicanalista
e retornamos para casa confusos
Mas...pensa... é tão forte
Diferente, já sentiu algo assim?
E se for somente um porre?
E se for para sempre?
Seria bom...não seria?
Sei lá! Dá um frio na barriga
Vontade de devorar brigadeiro
nas madrugadas
E se for amor?
Metal sublime!
Onde iremos guardá-lo?
No chão, no porão
Um mapa, por precaução
Eis a tua metade
Temo pelos corsários
piratas e outros aventureiros
Olha nos meus olhos
Não gozamos dessa eternidade toda
Ah! Nossos "lábios peregrinos" a deriva

Essa distância, essa saudade
Doce punição dos deuses.
(Shimuel)

E se for mesmo, amor!
Sim, já pensei!
Milhares de vezes!
Com certeza é amor!
Todas às vezes que te vejo
Meu coração canta e ri
E faz festa silenciosamente...
Com certeza é amor!
Todas às vezes que te beijo
Meu coração bate feliz
Minha alma flutua no universo...
Com certeza é amor!
A família já percebeu
Os amigos já perceberam
Todos já entenderam
Com certeza é amor!
Quando estamos juntos
O amor também está
Brilhamos a luz solar
Fica mais belo o luar
Com certeza é amor!
Metal sublime
Juntaremos as metades e inteiro
Iremos guardá-lo nas estrelas
Salvo dos corsários e piratas
E de outros aventureiros
E mais tarde...
Se alguém me perguntar
por quanto tempo irei te amar...
Direi: _ Por toda a vida!
(Leide Freitas)

Impensada poesia

Tudo que penso
já foi escrito
Para meu desalento
pouco sobrou!
Dos sonhos as árvores
alguém já versejou
Dos amores
Das idas e vindas
Tudo cantado em versos e prosas
Olho para cima
para os lados, desapontado
Pasmem! Eis, meu jardim
de orquídeas imaginárias
Existem estradas
com encostas alaranjadas a percorrer
Contarei histórias de heróis e bruxas, como quem conta vantagens
Sentirei na boca o sabor
dos beijos inéditos
Não sou poesia pensada
Sou repente
Tempestade de palavras
que subitamente alagou
este texto.

Melancolia

A inspiração vem e toma
o poeta de assalto
Num susto, num lampejo
Sai versos "in natura"
Pérola suada para o sofrimento da ostra-poesia
Nem sempre o poeta é genial , feliz, ou deveras triste
Mas existe nele um pensar
Uma divagação, um olhar diferenciado sobre a arte de versejar
Exalta a alegria
Chora no papel, a paixão mal resolvida
Se perde em lembranças
Vagueia com seus passos trôpegos no âmago da melancolia
Detalhe: Jamais, este revelador de pensamentos e sentimentos, se apropria da obra comprometida e bem-casada
Nem se prevalece da inspiração alheia
Definitivamente, o poeta por excelência, não é um ser execrável, muito menos um famigerado raspa canela.

Essa falta de você

Pode ser fome
Descaso, abandono
Pode ser sono
Esta falta de você
Ficaram as conversas,
as poesias
Dos dias de alegria
Que não mais voltarão
Pode ser solidão
Ao longe nossa canção
Pode ser carência
Ou má interpretação
com o passar dos anos
Ponho na conta do engano
Tudo que vivi
Pode ser um ingênuo sentimento
Muita chuva e pouco vento
Tem passado por aqui
Passou longe a tempestade
Pode ser só saudades
Daquela estrela que um dia eu vi
Pode ser efêmero
Pode ser quimera
suave foi a espera
Pode ser excesso de zelo
Esse desassossego
Pode ser apego
Pode ser um grande amor
Ou um erro de medida
Que não alterou uma vírgula
no decorrer desta vida

Guarda essas palavras

Guarda essas palavras
Use-as quando precisar
Guarda este sonho
Para uma outra noite

É tempo de repensar
Rever os caminhos
Tomar decisões
Em xícaras refratárias

Guarda os desejos
Para a próxima viagem
Para o próximo amor
Não se alongue

Por vezes a vida é bandida
E favorece os desafetos
Guarda o vinho junto
Com aquela canção

Quero dançar
Abraçadinho com você
E sentir o teu sabor
De uva, de sexo
Guarda esses segredos
Naquela gaveta, naquela última
Onde todos os nossos
Pecados, sonhos e medos
Estão cuidadosamente preservados.

Pássaro - Uva roxa

Olá estranho! Vou dizer,
eu te amo enquanto lembrar...que te amo
Ainda sei, o que é um pássaro
consigo diferenciá-lo de uma uva roxa
Teu olhar revela que é tarde
para reivindicar abraços
Sei que as estrelas povoam o céu
Ontem mesmo, eu as vi,
Estavam lá, juntinhas
Como se sentissem frio
Quer saber mesmo?
Choro ao ouvir nossa música
pensei que havia superado
Quando você me sorri
ou diz meu nome
não me contenho de tanta felicidade
Dias desses, vou dizer tantos
Eu te amo
Fixar na parede
Em mim a saudade dá sono e sede
Que fazer, se tenho um coração bobo, pueril
e uma mente fiel caçadora de anamneses
Belo e raro pássaro - Uva roxa Pequena ave que foge
por entre as minhas mãos
Foge por entre as cores primárias e ingênuas
Foge pelas janelas, pelos telhados e sorrisos descuidados.

Tudo que couber em meus olhos

Toca-me com tuas mãos mágicas
Abra meus olhos para essas musas
de silhuetas colossais
Um deus bonito e bronzeado com trejeitos tropical, em seu chapéu Panamá passeia nos meus pensamentos
Posso sentir o frescor
que emana de seu sopro
Ah! Esses olhos meus que contemplam
Sua geologia
Suas vegetações
Tantas árvores simpáticas
de um verde incalculável
Seus rios, seus oceanos
seus saborosos frutos...do mar, da terra
Queria dar nomes a todas as espécies
e coisas: bichos, pedras, árvores, gente, casas, peixes, aves
e tudo mais que couber em meus olhos
Agradecer por enxergar essas cores todas
É preciso conservar essas paisagens
registrar em fotos
em sínteses
Saúdo seus nativos, suas diversidades
Estão todos aqui nas minhas retinas
Seus sabores nas narinas
Enquanto sua generosidade
cai sobre mim
Feito chuva inesperada.

Libélulas.

(Essa coisa alada)

Libélulas são quase fadas
São quase flores
São lindas e graciosas
Poesias de asas duplas
Pequenos dragões espargindo luz
Libélulas não são borboletas
Talvez, nem primas distantes
Tão elegantes em seus plainares trêmulos e incertos
"Essa palavra é um vôo, uma coisa alada"
Prenúncios de boas novas
Afagos em meu coração
Libélulas são livros abertos
Coloridos pelo universo.